

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



# **O CORPO DIVINO DIABÓLICO**

Potira Pereira Gusmão Maia

Dissertação  
Mestrado em Pintura

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Tomás Santos Maia

2021

## RESUMO

A dissertação *O corpo divino diabólico* possui um caráter teórico-prático e propõe debater a origem da dominação masculina sobre o feminino. Teoricamente, objetiva responder as seguintes perguntas de partida: de que forma foram construídos os argumentos de inferioridade feminina pautados nas diferenças entre os sexos, de maneira a instaurar um modelo de pensamento patriarcal e expropriador dos corpos das mulheres? Como a violência imposta às mulheres foi equivocadamente atrelada à natureza erótica masculina? Tem o debate sobre o corpo feminino — o corpo divino diabólico — como centro fundador das articulações teóricas. Estabelece o encontro entre a referência filosófica de Georges Bataille e a antropológica de Françoise Héritier, para pensar a ferida primordial, que toca a relação entre os sexos. No campo prático, o trabalho aborda os processos que me levaram à produção da instalação escultórico-sonora, chamada *Ecos do corpo divino diabólico*, que revela e reverbera vozes femininas uma vez silenciadas pela dominação masculina. Discorre sobre o entrelaçar da dimensão teórica e do fazer artístico e aponta como a arte pode evocar a re-existência das mulheres.

**Palavras-chave:** Arte; Erotismo; Violação; Corpo feminino; Sagrado.

## ABSTRACT

The dissertation *O corpo divino diabólico* (*The Diabolic-Divine Body*) has a theoretical-practical nature and proposes to debate the origin of the masculine domination over the feminine. Theoretically, it aims to answer the questions: How have arguments of female inferiority been built based on the differences between sexes, for that to establish a model of patriarchal knowledge that expropriates women's bodies? How has violence against women erroneously become attached to the masculine erotic nature? This dissertation keeps the debate on the female body—the diabolic-divine body—as the foundational centre of the theoretical articulations. It establishes the encounter between Georges Bataille's philosophical reference and Françoise Héritier's anthropological one to ponder the primordial wound, which touches the relation between the sexes. In the practical domain, it reflects on the processes that have guided me to the production of a sound-sculptural installation called *Ecos do corpo divino diabólico* (*Echoes of the Diabolic-Divine Body*), which reveals and reverberates the feminine voices once silenced by the masculine domination. This dissertation considers the intertwining of the theoretical dimension and the artistic making and points how arts can evoke women's re-existence.

**Keywords:** Arts; Eroticism; Violation; Feminine Body; Sacred.

Às mulheres  
que sangram por feridas provocadas;

especialmente,  
àquelas que comigo compartilharam tão delicados  
substratos das suas vidas, memórias, sonhos e cicatrizes;

com especial carinho e escuta,  
àquela que me ofertou testemunhos pela janela,  
por quem sigo lamentando a impossibilidade de encontro e acolhida  
e cujo nome permanece um mistério.

## AGRADECIMENTOS

Às mãos que me sustentaram nestes últimos anos extremos e desafiadores em que se conjugaram uma pandemia e um mergulho intenso na descoberta do que nos faz humanos, da solidão que nos é estruturante, da violência que nos atinge.

À Ana Marta, minha mãe, e à Zuinara, minha irmã, que foram sempre os pilares de sustentação dos meus sonhos, mesmo na incompreensão dos meus projetos. Vocês são a certeza do amparo e as lições permanentes de amor. À Lucca, meu sobrinho, fonte de alegria e encantamento. Ao Leonardo Gonçalves, meu companheiro, pelo amor que nos faz expandir em três, pelo companheirismo, pelos projetos compartilhados, pela doçura que sinto em seus olhos quando me olha, pelos seus sorrisos e pelo cuidado que me envolve. Ao Inácio, que é a fonte maior de espanto, que chega convocando-me a uma entrega radical, às descobertas do que um corpo de mulher é capaz e ao amor que brota sem fronteiras e sem distinção entre a parte que sou e a parte que é ele, num mesmo corpo.

Ao Professor Tomás Maia, o meu orientador, pelos teus olhos atentos e doces terem-me acolhido no caos e na ordem, sendo chão seguro em face da pavorosa suspensão de ser estrangeira.

À Professora Ana Mata, que cuidadosamente me confrontou num convite à sustentação das minhas convicções.

À Professora Margarida Prieto, pelas palavras de amparo que sempre ecoam em mim.

Ao Fernando Fadigas, pelo apoio técnico dedicado na construção do meu projeto artístico.

À Escola Livre, que foi o lugar mais rico e substancial de Lisboa, aos amigos que a compõem, especialmente Sara, Anabela e Paulo, há muito de vós nesta dissertação.

Aos amigos em Lisboa, que florescem como os dias de primavera: à Mafalda, pelos sorrisos quentes nos dias mais frios; à Margarida, pela amizade carinhosa e pelo acolhimento junto à sua família; ao Murilo, por ter sido o

primeiro porto, quando aqui cheguei; à Lorena, pelo apoio nos projetos da faculdade; à Manu, pelas conversas longas e entusiasmadas e pelo riso mais cativante; à Engrácia, pela amizade nascida, já crescida; ao Victor, por juntos, podemos ser aprendizes e mestres nos nossos processos artísticos; à Juliana, pelo cuidado e por me ensinar com o seu frescor, coisas desse mundo hipertecnológico; à Emanuella, por ter chegado generosamente a florir a minha vida; ao João, pela amizade zelosa, pelas contribuições e pelas partilhas; à Ângela, pelo lar na mais profícua Lisboa; ao Mateus e à Pâmela, por serem os melhores companheiros de morada e, sobretudo, pela amizade construída com docilidade; ao Cássio, pela intensa parceria e pelo minucioso apoio na revisão destes escritos.

Aos amigos do NowHere, que reavivaram a beleza de uma brasilidade afetuosa e festiva, pelo acolhimento e pelos aprendizados.

Aos amigos do Brasil: especialmente à Adriana, pela incondicional presença, pela certeza de vibrarmos juntas as conquistas uma da outra; à Madalena e à Luana, pelo perene cuidado que nasceu junto aos primeiros passos na Arte; à Marta Penner, por ver-me além do horizonte e ajudar-me a crer nisso e nisto; aos amigos que comigo teceram o meu sonho, Raísa, Juliana, Mavira, Bianka, Palonny, Roberta, Adriana e Lucrecia; aos de Vitória da Conquista e de João Pessoa, pelos gestos de carinho, apoio e amizade.

A todas as mulheres que colaboraram com a pesquisa, a minha mais profunda gratidão!

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
1. PRINCIPIAR	1
2. DETALHAR	5
<b>CAPÍTULO 1. OLHOS TEMEROSOS NÃO VEEM</b>	<b>9</b>
1.1. O ENCONTRO COM O FEMININO VIOLADO	10
1.2. O SUJEITO DA PINTURA	16
1.3. A ESCUTA COMO GESTO	18
1.4. O CORPO DILACERADO	20
1.5. CISTERNA-TÚMULO	23
1.6. CISTERNA-ÚTERO	26
1.7. DAR FORMA AO FILHO	28
<b>CAPÍTULO 2. TODOS OS OLHOS ERÓTICOS</b>	<b>37</b>
2.1. CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE	38
2.2. HOMOGÊNEO E HETEROGÊNEO	39
2.3. INTERDITOS E TRANSGRESSÃO	41
2.4. O JOGO E O ERÓTICO	45
2.5. SAGRADO E PROFANO	48
2.6. TRÊS NATUREZAS DE VIOLAÇÃO	50
2.7. ARTE, EROTISMO E SAGRADO	53
<b>CAPÍTULO 3. A HISTÓRIA DO OLHO DIVINO</b>	<b>60</b>
3.1. O PENSAMENTO DA DIFERENÇA	61
3.2. A METAFÍSICA OCIDENTAL E A INFERIORIZAÇÃO DAS MULHERES	65
3.3. A DESAGREGAÇÃO DO FEMININO	68
3.4. O NASCIMENTO DE DEUS E A APROPRIAÇÃO DA FECUNDIDADE	72
3.5. A CONDENAÇÃO DAS MULHERES	76
3.6. O EROTISMO E A VIOLAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS	78
3.7. A FERIDA PRIMORDIAL	85
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>92</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>95</b>
ANEXO A. Mostra da série <i>Comunidade</i>	96
ANEXO B. Acesso ao vídeo <i>Pagar para respirar</i>	97
ANEXO C. Encarte com transcrições dos testemunhos	98

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b>	L'Origine du monde [A origem do mundo] de Gustave Courbet, 1866	<b>8</b>
<b>Figura 2.</b>	Ouve-me de Helena Almeida, 1979	<b>14</b>
<b>Figura 3.</b>	Tríptico (Série Aborto) de Paula Rego, 1997-1999	<b>15</b>
<b>Figura 4.</b>	Forty Part Motet, de Janet Cardiff, 2001	<b>21</b>
<b>Figura 5.</b>	É AQUI!, de Luísa Cunha, 2008	<b>22</b>
<b>Figura 6.</b>	Entrada da cisterna do antigo Convento de São Francisco da Cidade, atualmente galeria da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa	<b>24</b>
<b>Figura 7.</b>	Visão geral da cisterna do antigo Convento de São Francisco da Cidade, atualmente galeria da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa	<b>25</b>
<b>Figura 8.</b>	Vista do orifício em formato circular por onde penetra a luz no espaço	<b>28</b>
<b>Figura 9.</b>	Detalhe do recorte em declive sobre o chão da Cisterna	<b>29</b>
<b>Figura 10.</b>	Detalhe do protótipo da estrutura escultórica em cera de abelha	<b>30</b>
<b>Figura 11.</b>	Esboço do projeto expositivo: iluminação	<b>33</b>
<b>Figura 12.</b>	Esboço do projeto expositivo: difusão sonora	<b>33</b>
<b>Figura 13.</b>	Exposição <i>O corpo interdito</i> , de Potira Maia	<b>34</b>
<b>Figura 14.</b>	Exposição <i>O corpo interdito</i> , de Potira Maia	<b>35</b>
<b>Figura 15.</b>	Montagem da instalação escultórico-sonora na Cisterna	<b>36</b>
<b>Figura 16.</b>	Bisonte estripado e figura humana com cabeça de pássaro? Caverna de Lascaux, cerca de 16 000-14 000 a. C.	<b>55</b>
<b>Figura 17.</b>	Vênus de Willendorf, 11,1cm, calcário oolítico, entre 24 000 e 22 000 a. C., Áustria.	<b>56</b>
<b>Figura 18.</b>	Vênus de Hohle Fels, marfim de mamute, 6cm, entre 38 000 e 33 000 a. C., Alemanha.	<b>56</b>
<b>Figura 19.</b>	Amor sagrado e amor profano, de Ticiano Vecellio, c. 1514	<b>69</b>
<b>Figura 20.</b>	Nossa Senhora da Expectação, de Mestre Pero, c. 1325-1350?	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

*Não temos usado a palavra amor para não termos de reconhecer sua textura de ódio, de amor, de ciúme e de tantos outros contraditórios. Temos mantido em segredo a nossa morte para tornar nossa vida possível. Muitos de nós fazem arte por não saber como é a outra coisa. Temos disfarçado com falso amor a nossa indiferença, sabendo que nossa indiferença é angústia disfarçada. Temos disfarçado com o pequeno medo o grande medo maior e por isso nunca falamos no que realmente importa. Falar no que realmente importa é considerado uma gafe. . . . Temos chamado de fraqueza a nossa candura. Temo-nos temido um ao outro, acima de tudo. E a tudo isso consideramos a vitória nossa de cada dia. (Lispector, 1969/1999, p.38)*

### 1. PRINCIPIAR

Enceto estes escritos com as palavras de Clarice Lispector, que nos dizem de enganos, de amor e de temor. Uma evasiva permanente põe-nos aprisionados num vórtice de fuga e de desencontro com o outro. É uma súplica ao amor, um chamado ao encontro. E não é menos do que isso o conteúdo das páginas a seguir. É também a necessidade irreduzível de fazer arte e a coragem de falar sobre aquilo que importa e de não disfarçar o falso amor.

O estudo *O corpo divino diabólico* tem como foco a violação do feminino pelo masculino, a partir da dimensão estruturante da vida humana, que é a experiência erótica. Busca compreender o conceito de violação a partir de uma discussão alargada, envolvendo desde a perspectiva de violação do interdito, que é a transgressão inerente ao próprio erotismo, e uma aceção oposta ao erotismo, que vitima as mulheres. Ainda intenta compreender como as perspectivas contrárias se confundiram de modo a legitimar o domínio patriarcal e a expropriação do feminino.

Percorro um caminho que é um desvelar das feridas que sangram, como quem tira as ataduras e deixa ver o que está encoberto, almejando que, ao fim desta des-tecitura, possamos imaginar e, quiçá, ensaiar novos enlaces entre o masculino e o feminino, sem a pretensão de que tais escritos ou a peça *Écos do corpo divino diabólico* mudem o mundo. Entretanto, há alguma coisa capaz de mudar os caminhos construtivos de uma sociedade que não principie, ou seja, como pequenas fissuras a tensionarem a rigidez das estruturas e a fazerem-se interstícios a expandirem-se ao rompimento? Com esta despreziosa aspiração, entrego-me a este projeto.

Num tempo em que questionamos tão fortemente as limitações do pensamento binário e discutimos identidades de gênero, por que ponderar o desejo de violação da mulher a partir das categorias *feminino* e *masculino* sob a perspectiva do erotismo? Reconhecemos a importância das investigações voltadas para as identidades de gênero, entendendo a identidade como resultado de uma construção fluída e em constante movimento. Contudo, propomo-nos a pensar a inferiorização do feminino porque “[t]odas as civilizações se basearam na distinção entre masculino e feminino e na atribuição de papéis sociais diferentes aos homens e mulheres” (Héritier, 2002, p.137). Apesar de ocorrer por via do sistema cultural dos povos, a problemática da hierarquização dos sexos possui raízes mais profundas, relacionadas com a vida religiosa da espécie humana.

Não obstante a representação universal do feminino ter sido construída a partir da simbolização deturpada dos dados biológicos, ela foi posta em causa pela evolução dos costumes e pelas descobertas genéticas, resultando num câmbio entre os papéis culturalmente instituídos. Essa diluição dos limites entre os papéis determinados para o feminino e para o masculino foi por vezes entendida como desvio da natureza essencial dos sexos. A representação universal de um feminino frágil, potencialmente perigoso e passivo foi o meio utilizado para a dominação e a expropriação do corpo das mulheres. Voltaremos a algumas dessas argumentações, pois a ruptura com esses pressupostos é condição indispensável para alcançar a equidade entre homens e mulheres.

A decisão de tocar nessa ferida resulta do reconhecimento de que todos nós, homens e mulheres, temos um longo caminho a percorrer em direção à equidade de gênero. O movimento das sufragistas, a conquista do espaço de trabalho fora do âmbito doméstico, os movimentos feministas, a revolução sexual, o acesso à contracepção e o avanço geral das leis na maioria dos países não foram capazes de equalizar a relação entre homens e mulheres. Isso porque os sistemas patriarcais se estabeleceram com uma pretensa homogeneidade universal e têm uma origem ontológica. Os avanços conquistados, especialmente no século XX, não foram suficientes para transformar as estruturas objetivas, os aspectos simbólicos e os severos processos de expropriação e dominação do feminino pelo masculino.

E mais: mesmo os avanços alcançados foram sub-repticiamente apropriados pelo sistema hegemônico masculino, transfigurando as conquistas em outras formas de dominação e violência, como a jornada dupla de trabalho, a apropriação dos corpos das mulheres pelo capital e, em face da emancipação destas, a exacerbação da violência masculina, que tem o seu limite no assassinato. Decerto, a situação das mulheres não é a mesma em todas as sociedades, porque as relações de violência e dominação atingem distintamente mulheres racializadas, vulneráveis economicamente, desprivilegiadas no acesso ao conhecimento, inseridas em contextos culturais específicos, entre outros fatores.

A despeito de reconhecer tais especificidades, centro-me em aspectos mais amplos do desenvolvimento da humanidade que determinaram uma relação hierárquica e violenta do masculino para com o feminino, para entender por que razão a relação entre homens e mulheres está marcada por uma estrutura simbólica universalmente representada pela oposição entre violador e violada. E, sobretudo, segue nutrida pelo encobrimento de discursos apaziguadores e negacionistas da universalidade dos factos, situação vivida especialmente nos países com economia largamente desenvolvida.

É sabido que a natureza não faz somente dois tipos de corpo. As categorias *homem* e *mulher* derivam das distinções biológicas visíveis, que fizeram a humanidade agrupar-se nestes dois grandes grupos. Condensaram

os homens na ideia de indivíduos possuidores de pênis e com padrão comportamental associado às atividades relativas ao macho, enquanto resumiram as mulheres a indivíduos possuidores de vulva e com características e padrão comportamental relativos às atividades da fêmea.

A dominação do feminino pelo masculino baseia-se nesse amplo sistema simbólico hegemônico. Sem negar as implicações que um sistema binário impõe aos indivíduos diversos, optei por um recorte teórico que reconhece as diferenças sexuais como elemento primordial para entender a formação de uma sociedade essencialmente hierarquizada e misógina.

Por isso, no transcorrer do texto, os termos *mulher* e *feminino*, por vezes, aparecerão análogos. Embora o feminino se refira a um universo simbólico e identitário mais amplo, ele resulta da construção baseada no ideário do corpo da mulher. Assim, de forma esquemática, tem-se a questão da violência masculina contra as mulheres fundada no facto de serem mulheres, detentoras de um corpo potencialmente capaz de gerar filhos, portadoras desse assustador e misterioso órgão que é o útero. Porque, se muito avançamos no sentido do ir e vir das mulheres no mundo do trabalho, parece-nos que os avanços alcançados desde o século passado, sobretudo a revolução sexual, não construíram espaços legítimos de autoapropriação dos corpos pelas mulheres.<sup>1</sup>

Para sustentar o enlace teórico, recorri a dois pensadores basilares e vários outros autores complementares, referências musicais, que se encontram acessíveis através de códigos QR<sup>2</sup> localizados no corpo do texto, porque o processo de compreensão do tema da pesquisa foi intensamente provocado por música e poesia brasileiras. Por um lado, refletem aspectos metodológicos sutis que compuseram o trabalho e, por outro, apontam já para uma relação sensível ao som como fomentador dos processos criativos. O trabalho é a conjugação de todos esses elementos e reúne referências bibliográficas

---

<sup>1</sup> Contudo, apesar de focar-me na violação contra o corpo das mulheres, tendo a categoria *feminino* no centro, a sua dimensão é entendida num plano expandido e, portanto, pode englobar indivíduos com características predominantemente femininas, sejam eles detentores de vulva ou não.

<sup>2</sup> O código QR permite ser escaneado facilmente com o uso do celular e direcionar o leitor aos endereços eletrônicos que promovem o acesso aos arquivos sonoros.

brasileiras e portuguesas. Opto naturalmente pela variante linguística brasileira, respeitando a minha origem e reverenciando as diferenças linguísticas decorrentes dessa pluralidade.

O alicerce teórico, entretanto, fixa-se no encontro entre Georges Bataille e Françoise Héritier. Mais do que uma escolha, foi uma necessidade irrefutável de reconhecer que a natureza da hierarquia entre o masculino e o feminino emana de uma tensão que envolve a atividade sexual reprodutiva e improdutiva. Pautar-me nas teses desses autores, um filósofo e uma antropóloga, para aclarar as questões teóricas, respondeu ao imperativo de encontrar suportes adequados para dar forma à obra.

## **2. DETALHAR**

De maneira não premeditada, o trabalho fundamenta-se essencialmente no encontro de uma voz masculina e uma voz feminina. Por um lado, temos Georges Bataille, esclarecendo-nos o fundamento do erotismo no processo de desenvolvimento que nos afastou da animalidade, e todas as contradições decorrentes da construção de um mundo cujo primado do trabalho abafou e conteve a exuberância da nossa natureza excessiva, promovendo um distanciamento da consciência de si e da valorização das coisas pelo que são e não pelo que produzem. Por outro, temos Françoise Héritier, abordando o modo como a humanidade construiu o pensamento da diferença entre os sexos, estruturado no argumento da inferioridade da mulher por ela ter um corpo que perde sangue involuntariamente e, portanto, que precisa de ser contido. Esse argumento ganhou contornos diversos através do pensamento mítico e serviu para os homens, por dependerem irremediavelmente da mulher para fazerem os seus descendentes, apropriarem-se simbolicamente das características exclusivas femininas, mantendo-as sob o seu domínio. O encontro dá-se entre Bataille, com o foco na importância da atividade sexual lúdica para o desenvolvimento humano, e Héritier, voltada para a atividade

sexual reprodutiva como aspecto fulcral no desenvolvimento do pensamento que retira da mulher a condição verdadeiramente humana.

O corpo é o ponto central da discussão que resultou neste trabalho. O *corpo divino diabólico* é um escrito de caráter dissertativo e abarca os transcurso da pesquisa prático-teórica no campo das artes. Está dividido em três capítulos cujos títulos fazem alusão aos olhos enquanto signo representativo da vida espiritual, como janela de passagem entre a consciência e a inconsciência, o oculto e o descoberto, e como zona erógena. Fazendo referência aos olhos, neste trabalho substancialmente pautado no sentido da audição, tensiono a simbólica hierarquia dos sentidos, para questionar um feminino situado entre a nudez e a mudez.

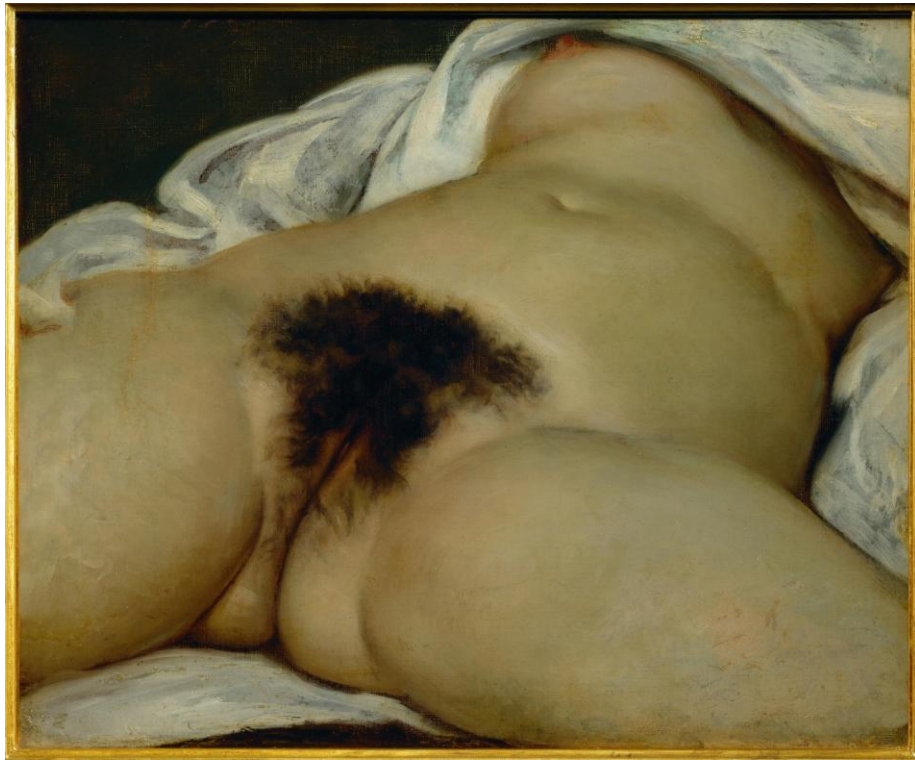
O primeiro capítulo, “Olhos temerosos não veem”, contém sete seções e narra o processo de trabalho prático para a realização da peça sonora a ser instalada na antiga cisterna da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Reflete sobre o percurso de interesse e encontro com o objeto de pesquisa e sobre o modo como o aporte teórico modificou a relação do objeto de pesquisa com a pintura, o enlace significativo entre a escuta e a voz. Por fim, reflete ainda sobre o facto de a peça sonora poder ser um corpo denso e cheio de significados ao dialogar com o espaço expositivo, que remonta ao útero, guardador da vida, e ao túmulo, guardador da morte. E conclui apresentando os aspectos formais da peça e como se pretende que a obra ocupe o espaço e dialogue com o vazio das paredes ressequidas da cisterna.

O segundo capítulo, “Todos os olhos eróticos”, dividido igualmente em sete seções, volta-se ao transcurso de desenvolvimento da humanidade fundamentado no trabalho como fim produtivo e na descoberta da atividade sexual lúdica, fundada, ao mesmo tempo, na interdição dos excessos dispendiosos da animalidade e na transgressão dos interditos. O mesmo capítulo apresenta exemplos da arte no Paleolítico Superior que evidenciam a distinção entre as experiências sexuais de caráter reprodutivo ou de caráter lúdico entre homens e mulheres, não deixando de apontar para os primórdios da dominação masculina sobre o feminino.

O terceiro capítulo, “A história do olho divino”, desenvolve os seguintes temas: como as sociedades ocidentais fundaram um modelo explicativo das diferenças sexuais entre os corpos com base na superioridade masculina; como esse construto se foi desenvolvendo de maneira a transformar a relação hierárquica que promove uma condenação expropriadora da dignidade das mulheres, sendo reflexo de um medo masculino maior de não deter o poder sobre a geração dos seus próprios descendentes. Tudo isto manifesta-se desde tempos remotos e representa talvez o maior desafio da humanidade.

A “Conclusão” delinea possibilidades de enfrentamento da dominação capazes de contribuir para dissolver imaginários que colocam as mulheres nos papéis de violadas e os homens nos papéis de violadores. O posicionamento com vistas a uma produção artística que abarque as vozes ativas das mulheres no exercício da sua sexualidade responde a um imperativo de a mulher — e o seu corpo — autodeterminar-se. O fim último deste trabalho talvez seja encarar o pavor que suscita o corpo divino diabólico, aquele que sangra a morte mês a mês e tem o poder de conceber homens e mulheres, que possui útero e clitóris — um órgão cuja função é somente gerar prazer —, e que, mesmo expropriado, é ativo.

Precisamos falar nos temas densos, falar do sombrio que nasce junto ao sol, se abre às possibilidades e conduz à esperança. Podemos construir uma humanidade em que a igualdade entre os sexos seja um princípio irreduzível sem encarar de frente o corpo erótico e úmido, que é *a origem do mundo?*



**Figura 1.** *L'Origine du monde* [A origem do mundo] de Gustave Courbet, 1866.  
Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Origin-of-the-World.jpg>

## **CAPÍTULO 1**

### **OLHOS TEMEROSOS NÃO VEEM**

Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir – nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio. (Lispector, 1964, p. 98)

## 1.1. O ENCONTRO COM O FEMININO VIOLADO

Início os caminhos reflexivos desta dissertação pelo desenvolvimento descritivo do meu processo de criação artística, visto ter sido o ponto fulcral da pesquisa, ainda antes do marco espaciotemporal de Lisboa no ano de 2018, que marca a minha chegada a Portugal e o meu ingresso no curso de mestrado em Pintura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Vale salientar que a minha prática de criação artística foi e tem sido amplamente atravessada e conformada pelo estudo teórico.

Delinear alguns aspectos que confluíram para a realização da obra *Ecos do corpo divino diabólico* é voltar-me à indagação: por que pesquisar a violação do feminino? Disponho-me, então, a reconhecer os fios delimitadores da trama que tem no movimento de criação artística a tecedura que me revela no aberto infindável da vida, o tecido que me contorna e evidencia a ferida que me escapa e me acusa. Isso, porque o artista extrai a substância das coisas e dos seres e dá-lhe uma forma sensível tirada deles mesmos. Então, nasce a obra de arte da fusão entre o individual e o universal na mesma fenda.

Esferas paradoxais atravessam-me. No plano particular, cresci num contexto majoritário de mulheres, numa família matrilinear. No entanto, estava sob o guarda-chuva de uma geração anterior centrada na figura masculina, o meu avô, que exercia o seu papel de patriarca de maneira amena e respeitando a liberdade das cinco filhas e de um filho. Em consequência, a percepção das tensões com vistas à dominação do feminino veio tardiamente, porque o meu contexto aparente fazia parecer que as relações de violação que atingiam as mulheres eram localizadas em contextos socioeconômicos desfavoráveis. Em contraponto, num âmbito mais geral, conheci a questão da violação do feminino desde os primeiros contatos com a história do Brasil, que registrava o apoderamento das indígenas e o usufruto do corpo das mulheres negras escravizadas. O país nasceu da dominação característica dos movimentos de colonização, cuja violência ostensiva incide sobre os corpos das mulheres dos povos dominados.

Entre o contexto particular e o geral, a problemática da dominação masculina sobre o feminino parecia-me alheia e circunscrita a âmbitos específicos, dos quais me sentia à parte. As bolhas, contudo, possuem membrana muito delicada e não são impermeáveis, tampouco opacas, e um olhar mais atento ao que ultrapassa as camadas porosas e translúcidas da vida privada é capaz de evidenciar os aspectos profundos da relação que vitima o feminino, manifestos sutil ou grosseiramente e que escapam aos limites de distinção étnica, econômico-social e histórica. Com a maturidade, pude reconhecer estarmos inseridos numa sociedade cujo mal da misoginia possui raízes profundas e longínquas e atinge toda a gente amplamente, em maior ou menor intensidade. Os aspectos de dominação do masculino sobre o feminino extrapolam as questões sexuais, inclusive. Estamos sempre a reconhecer-nos, identificar-nos e reproduzir os papéis e, sobretudo, as características designadas como femininas ou masculinas, especialmente quando se trata de relações sexuais, mesmo em relações homoeróticas. Estamos em processo de diluição da fixidez das estruturas binárias, ainda insípido, se pensamos a força dos milênios de história da binariedade do padrão identitário, que nos leva a considerar comportamentos adquiridos como naturais para cada tipo de corpo sexuado.

Esses dois aspectos — de cegueira e de vislumbamento distanciado — que compunham construções de olhar foram atravessados por um movimento de mudança para Portugal e a imersão num contexto de vizinhança onde coexistem diferentes formas de experiência do feminino. De um lado, há mulheres em práticas de atividade sexual remunerada, cujos corpos expostos parecem estar legitimados ao serviço de satisfação exclusivo do prazer masculino. De outro, há mulheres de religião muçulmana, de vidas quase sempre reclusas e com corpos encobertos, igualmente legitimados ao controle do patriarca da família.

Por sua vez, acreditava ser possuidora de liberdade, detentora plena do meu corpo e do meu direito de expressão e do meu espaço corporal. Entretanto, em meio às duas realidades, de repente, vi-me contendo os meus gestos e restringindo o meu olhar, para que os meus comportamentos não

fossem percebidos como consentimento. Os meus olhos já não podiam encontrar outros olhos, como quem apenas vê a presença de outro ser. Senti-me no intermédio entre umas e outras mulheres: de um lado, era como se o meu corpo estivesse à disposição para as investidas invasivas; do outro, somente recolhida ao espaço doméstico, sentia a possibilidade de exercer o livre movimento do ver, do olhar, do observar.

Essa experiência colocou-me face a face com essa realidade e ainda com o facto de sentir uma estranheza quanto à negação da problemática que vitima o feminino e a aparente harmonia entre homens e mulheres no país, como se fosse alheia à realidade portuguesa, uma vez que a questão da violência que vitima as mulheres é amplamente discutida e tratada nos meios académicos e no universo artístico do Brasil, o meu país de origem. A forma como cada povo se relaciona com as questões, entendendo-as a partir da lógica de experiências particulares, e, por isso, circunscrito ao estatuto do privado ou como uma questão de interesse geral, pode estar relacionada com as experiências de dominação a que o povo foi possivelmente submetido. As condutas de enfrentamento são reflexo dessas tensões. Mas essa é apenas uma proposição não verificada à luz dos estudos específicos. A forma como cada povo enfrenta a dominação masculina e a violência contra as mulheres não é o meu interesse aqui.

Para além de o nível de enfrentamento ser mais ou menos frontal, a expressão *dominação masculina* é causadora de incômodos. Ela manifesta-se de maneira violenta em muitas sociedades e apresenta-se de maneira mais camuflada e simbólica em todas as culturas e em todas as civilizações, conforme atesta Françoise Héritier. Se a dominação masculina sobre o feminino é mais explícita e atinge expressões ostensivas ou se apresentam camufladas, um e outro caso são formas de violência, ainda quando se trata de dominações simbólicas, pois obliteram o direito de igualdade da mulher.

Percebo que a inserção da minha pesquisa é provocativa no sentido de despertar inquietações necessárias para encararmos a violência contra o feminino, tema insólito em meio às artes visuais no território português. Um bom exemplo disso é o trabalho de Helena Almeida, a qual recorro

especificamente à obra *Ouve-me*, de 1979 (Figura 2), que poderia perfeitamente apontar as questões relativas à mulher, sobretudo ao que se refere a um silenciamento estabelecido para o feminino, e, portanto, poderia ter uma feliz interlocução com o trabalho artístico proposto por mim. No entanto, em entrevista a Cristina Margato, em 16 de outubro de 2016, a própria artista contesta que a sua produção perpassasse pela questão feminista:

- Houve alguma vez uma intenção feminista no seu trabalho?

- Não! Isso é outro erro. Discuti tanto com o João Ribas [curador da exposição "A Minha Obra É o Meu Corpo, o Meu Corpo É a Minha Obra"] que não pode imaginar. Veja, o João Ribas acha que eu sou a maior feminista portuguesa! Eu acho que já não há razão para ser feminista na Europa.

- Só fora dela?

- Fora dela sim. A situação das muçulmanas revolta-me. Todas tapadas. Não têm direito a voto. Não têm direito a nada. É horrível. Aí, sou o mais feminista possível. De resto, aqui na Europa não há razão para sermos feministas. Pode haver espaço para um pós-feminismo, por razões de ordenado, de trabalho ou de os homens baterem nas mulheres. Mas se batem nas mulheres é porque são brutos, porque foram criados na brutalidade. É mais uma questão de educação. A mulher é mais fraca, está ali, leva uma lambada. Não vejo razão para ir para a rua gritar como as sufragistas, as feministas fizeram. Eu também participo nas exposições de feministas. Mas prefiro mil vezes estar numa exposição em que só haja homens e eu seja a única mulher, o que tem acontecido. Aí sinto-me bem. (Margato & Almeida, 2016 [em linha])



**Figura 2.** *Ouve-me* de Helena Almeida, 1979.  
Fotografia de Potira Maia, da exposição *Tudo o que eu quero. Artistas portuguesas de 1900 a 2020*,  
Gulbenkian, 2021

Com destaque para a invulgar abordagem ao assunto da violação do feminino nas artes visuais em Portugal, referencio a série *Aborto*, da artista Paula Rego (Figura 3), realizada na altura do referendo sobre a despenalização e a interrupção voluntária do aborto no país. As pinturas apresentam a solidão vivida pelas mulheres que resolvem enfrentar a recusa da maternidade e o quanto tal decisão as coloca no enfrentamento da moral que estabelece ser este o papel social natural do feminino.

A violência contra a mulher é considerada hoje um problema mundial grave pela Organização das Nações Unidas (ONU), e a criminalização do

aborto<sup>3</sup> é apenas um dos aspectos que colocam as mulheres em situação de vulnerabilidade e as cerceiam do direito de decidir sobre o seu próprio corpo. Há muitos outros aspectos, de facto: a exploração sexual das mulheres, o matrimônio precoce e os casamentos arranjados, a mutilação genital etc. Em algum momento da sua vida, uma em cada três mulheres sofreu alguma violência com base na diferença sexual. Mais de um terço das economias restringem a atuação e a liberdade de movimento das mulheres.



**Figura 3.** Tríptico (Série *Aborto*) de Paula Rego, 1997-1999.  
Capturado de <https://sala17.files.wordpress.com/2010/09/paularegotriptych.jpg>.

“Somente quando a metade de nossa população representada por mulheres e meninas puder viver livre de medo, violência e insegurança cotidiana, podemos realmente dizer que vivemos num mundo justo e igualitário”, chama-nos a atenção António Guterres, secretário-geral da ONU (ONU Mulheres, 2018 [Em linha]). Será que alguma de nós está resguardada, de facto, dessa opressão? Será que podemos iludir-nos com uma pretensa igualdade?

---

<sup>3</sup> O aborto foi legalizado em Portugal em 2007, mas ainda é criminalizado em boa parte do mundo, inclusive no Brasil, e permanece um tabu mesmo em países onde a descriminalização já foi alcançada.

## 1.2. O SUJEITO DA PINTURA

Fazer obra a partir do encontro com a violação do feminino requereu o desvelamento também da história da arte no que toca a relação entre artista, modelo e espectador, marcada pela distinção em que são ocupados os papéis. O masculino está restrito ao homem como autor da ação, o criador, e como fim a que se destina a obra, o espectador. Já o feminino está restrito à mulher como matéria, figura a ser representada, e como obra, objeto de serventia intermediária entre dois homens, autor e espectador. Segundo T. Maia,

[d]ar e retirar é feminino (mas não exclusivo das mulheres); tirar é masculino (sem que se restrinja aos homens). O artista é feminino e masculino: ele tira algo do seu dom natural antes que o dom se retire e o retire a ele mesmo *da vida*. (Maia, T., 2019, p. 10)

Contrariando tal prerrogativa, a história da arte ocidental mostra-nos através da ocupação de papéis absolutamente determinados, marcados por um pensamento baseado em esquemas hierarquizados e fundados na dominação do feminino. Esses pressupostos reverberam um pensamento moldado ainda na Antiguidade Clássica, o qual é sintetizado por Nead da seguinte forma:

O termo «masculino» se associa com as faculdades mais elevadas de criatividade e processos mentais racionais, enquanto que o «feminino» se rebaixa ao papel de natureza passiva e se associa com os mecanismos biológicos da reprodução. Assim, pois, na metafísica ocidental, a forma (o masculino) é preferida à matéria (o feminino); a mente e o espírito se privilegiam sobre o corpo e a substância, e a única maneira de proporcionar significado e ordem ao corpo na natureza é por meio da imposição da técnica e o estímulo, impondo-lhe uma estrutura que o defina. (Nead, 1998, p. 44)

A metafísica ocidental estabeleceu um sistema distinto de posições e de valoração hierarquizada para as partes femininas e masculinas da espécie. A

reverberação de tais pressupostos na arte é discutida por Berger e por Nead, tomando como ponto de partida o *nu* do motivo artístico. Ambos destacam a quase totalidade de uma relação em que o artista é o homem e exerce poder sobre a modelo, matéria a ser moldada, quase sempre com vistas ao espectador também masculino. Para Berger,

[p]oderíamos resumir isto dizendo: *os homens agem e as mulheres aparecem*. Os homens olham para as mulheres. As mulheres olham para si próprias a serem olhadas . . . . Deste modo, ela [a mulher] transforma-se num objecto — e mais precisamente num objecto do olhar: uma vista. (Berger, 2018, p. 61)

A conformidade entre o feminino e a obra é explicitada magistralmente por Balzac, ao constituir uma alegoria da pintura na novela *Chef-d'œuvre inconnu* [A obra-prima desconhecida], de 1932. A narrativa é construída a partir da fusão entre mulher e pintura. O velho mestre Frenhofer pinta a sua amada Catherine Lescault, e a pintura é ela própria, objeto de contemplação, mas também a matéria que ganhou forma pela ação do artista.

Neste sentido, T. Maia explana que

[o] humano precisa de ficção para dizer a verdade da pintura. E — indissociavelmente — para dizer a verdade de uma moça ou de uma mulher formosa: o reverso da eleição da mulher (como sujeito da pintura) é a sua sujeição milenar ao homem. O sujeito da pintura também significa a sujeição da mulher . . . . A mulher é o objecto de desejo — e de troca — entre os homens. (Maia, T., 2019, pp. 5-6)

Ao recorrer ao confronto com a história da pintura, delineou-se a primeira questão da pesquisa em termos formais: como desviar-me da imagem da mulher que fora historicamente construída por homens? Como dar forma a uma obra que seja o enlace entre femininos? Então, veio à tona a vontade de criar uma obra que trouxesse à presença um corpo feminino ausente na arte, um corpo que não seja uma *vista*. Veio a vontade de tirar o homem da

mediação e de ser promotora de uma ação dirigida às mulheres, como evocação à fala, o abandono da mudez. Veio ainda o desejo de promover um encontro horizontal, em que o objeto de desejo, o feminino, fosse concomitantemente conjunção — e não subjugação — e o desejo pulsante de escuta. Como unir o que vem aos olhos e o que penetra os ouvidos?

### 1.3. A ESCUTA COMO GESTO

O trabalho lançou-se ao encontro do real a partir do olhar. Aos poucos, a imagem enquanto modelo pensável e objetivável dilatou-se no confronto com o delineamento teórico. A constatação de que o nosso mundo já estava abarrotado de imagens de corpos de mulheres nuas, nas paredes dos museus, das galerias e, sobretudo, no nosso imaginário. Talvez, desde que o mundo é o nosso mundo, as mulheres estejam encapsuladas em estatuetas, nos poros dos afrescos e sequencialmente emolduradas, ora receptáculos a serviço da maternidade, com vistas à continuidade da espécie, da família, ora plácidas, contidas, moldadas aos desejos sexuais de dominação masculina — nuas com plumas, sem pêlos, porque estes evidenciam o domínio do poder sexual da mulher. Essas imagens que constroem um feminino irreal, limitado e dominado, só podem ser suplantadas por um corpo muito mais denso e dilacerador que se deixa ver em sua complexidade, em suas contradições, em suas feridas de feminino expropriado.

Antes de ver alguma coisa, já podemos ouvir. Ouvimos como fetos os ruídos do mundo e ouvimos, sobretudo, a voz feminina da mãe. Também é o último sentido que se perde no processo de morte. A audição é o canal primitivo do encontro com o mundo, com o outro. Então, a voz! Talvez as vozes sejam fortes o suficiente para tornar presente o feminino que não é apenas uma *vista*, matéria-corpo esvaziado. Antes, é um complexo integral espírito-corpo, contraditório e violado. As vozes ressoando nas paredes, no vazio do espaço expositivo, podem trazer a presença da mulher ao campo de visibilidade. Um verdadeiro desnudamento!

A partir deste pensamento, cheguei à decisão da não-utilização da imagem da mulher. Como diz a letra de Gilberto Gil na voz de Chico Buarque:

É sempre bom lembrar  
Que um copo vazio  
Está cheio de ar  
(Gil, 1974)



A escolha de abdicar-se da imagem do corpo feminino, já tão saturado na arte — na pintura, em particular —, é dar a ver o vazio das paredes do espaço expositivo na sua potência visual. É apropriar-se do vazio enquanto imagem que ecoa cheio de significado para revelar um corpo de outra natureza. Neste sentido, o meu projeto artístico, embora recorra à experiência sonora, é eminentemente visual.

Eis o cerne deste projeto: através de uma instalação escultórico-sonora, trazer a presença feminina com ecos densos e ressoantes e deixar ver o que as imagens dos corpos femininos comumente não apresentam. A obra intitulada *Ecos do corpo divino diabólico* instala-se no espaço expositivo da cisterna a partir do seu aspecto alegórico de imagem interior, privativo e sagrado que é um útero, uma caverna. Hoje, esse é espaço público expositivo e galeria de arte. As suas paredes são preenchidas de simbologia e já de memórias de um imaginário comum, que prevê espaços expositivos ocupados por imagens de mulheres nuas pintadas e expostas à apreciação. Agora, as paredes reverberarão tão somente os signos de parede uterina, membrana impregnada de memórias ancestrais, os ecos de um corpo dilacerado.

No trabalho instalativo *Ecos do corpo divino diabólico* estão imbricados dois pontos de partida: ser uma artista mulher e voltar-se para a escuta do feminino. É um encontro entre a minha própria voz e os ecos do meu corpo com a escuta de outras tantas mulheres, trazidas ao espaço expositivo, como um gesto de demarcação do lugar de falas e escutas que se fundem promovendo uma abertura, a abertura que é o desejo de escuta sensível.

Segundo Barthes e Havas, a escuta nasce do desejo consciente de ouvir a voz do *outro*. Com isso, reconhecem-se a sua maneira de ser, a sua alegria e

o seu sofrimento, e permite-se a formulação da imagem do corpo desse outro. Os autores afirmam ainda haver uma esfera da escuta de caráter religioso, que ultrapassa a condição superficial do que se ouve, conforme desenvolvem:

[e]scutar é pôr-se em postura de descodificar o que é obscuro, confuso ou mudo, para fazer aparecer na consciência o «abaixo» do sentido (o que é vivido, postulado, intencionalizado como escondido). A comunicação que é implicada por esta segunda escuta é religiosa: . . . intencionaliza ao mesmo tempo o sagrado e o secreto. (Barthes & Havas, 1976 [em linha])

#### **1.4. O CORPO DILACERADO**

A matéria que preencherá o espaço expositivo é sobretudo sonora e tem forma de testemunho das mulheres sobre as suas experiências de feminino com foco na relação com o seu próprio corpo, com a experiência erótica, com o mundo e com o masculino. A instalação compõe-se de duas peças que formam corpos sonoros densos, de matéria distinta, e estabelecem a tensão de um feminino múltiplo e de caráter não homogêneo.

Tomei como referência inicial a obra *Forty Part Motet* (Moteto para quarenta partes), de Janet Cardiff (Figura 4), uma instalação sonora em 40 canais de dimensões variadas, com duração de 14 minutos e 7 segundos, cantada pelo coro da Catedral de Salisbury. Nela o conjunto produz uma unidade sonora em harmonia perfeita da soma das vozes. Também permite perceber as vozes individuais, à medida que se anda pelo espaço. Diferentemente de Cardiff, procuro a tensão que se dá na dissonância das vozes ecoadas pelas duas peças, reverberando no espaço e unindo-se aos ecos entrecruzados para opor-se às ideias de um feminino uníssono.



**Figura 4.** *Forty Part Motet*, de Janet Cardiff, 2001.  
Fonte: Fotografia de Pedro Motta (2001).



Também me referencio no trabalho da artista portuguesa Luísa Cunha e nas suas peças sonoras, que exploram diversas relações entre o som e as experiências de si e do mundo (Figura 5). A instalação *É AQUI!* é um exemplo em que a artista disponibiliza um leitor de CD e um amplificador, de onde ecoa a sua voz gravada a reproduzir um texto. As peças sonoras articulam-se de maneira a fundir numa imagem o som e o objeto sonoro, produzindo novos sentidos para as explorações verbais da artista.



**Figura 5.** *É AQUI!*, de Luísa Cunha, 2008.  
Fonte: Página eletrônica da artista Luísa Cunha.



Falar em processo criativo é falar também em método, busca de método e como ele se vai configurando, ainda que por camadas muito subjetivas e por vezes intuitivas, um estado receptivo ao acaso, ao que chega inusitadamente de súbito. O trabalho nasceu embrionário por meio de um olhar atento ao real<sup>4</sup> e dilatou-se para a escuta. Com isso, a abertura sensível aos ruídos e às tensões do mundo fez-se mais intensa, desenrolando-se num fluxo e convidando-me ao inesperado.

À partida, intencionava a coleta do material sonoro exclusivamente a partir do convite ao testemunho para mulheres diversas. Não obstante, outros

---

<sup>4</sup> Do processo nasceu a série fotográfica *Comunidade*, realizada na primavera de 2020, os primeiros meses de confinamento em virtude da pandemia de Covid-19 (Ver Anexo A). Embora não conste exatamente deste projeto, é um fio deste enlace, assim como a obra *Pagar para respirar*, em parceria com o realizador brasileiro Leonardo Gonçalves, igualmente disponível através do QR code (Anexo B).

testemunhos chegaram, inesperados e intensos, a convocar-me à escuta. Entraram pela minha janela e foram recebidos como dádivas de um mundo que responde às perguntas de forma surpreendente. Vieram em forma de gritos, proclamações de uma mulher.

Não sei se, de repente, essa mulher, cujo nome desconheço, passara a enviar-me pérolas como quem houvera recebido o meu convite e dialogasse com estes meus escritos. Como se uma espécie de abertura porosa se tivesse instaurado através de uma pandemia mundial — a da Covid-19 — e alterado a dinâmica da vida, ela tomou conta do ambiente, fez de um lugar de passagem um lugar de paragem e de encontro dos errantes, fez largo tornar-se tablado. Sobretudo, permitiu o isolamento social tornar-se tempo de escuta aos detalhes encobertos do mundo. Por esta brecha pude aceder à mulher cujo nome permanece um mistério.

Os seus gritos são como um respiro do mundo heterogêneo a deixar escapar-se, como refere Clarice Lispector na epígrafe que introduz este capítulo, por vezes sendo aforismos, verdades cruas e cortantes sobre a vida religiosa, sobre as relações e as regras do mundo, sobre o intangível que paira sobre todas as coisas nos intervalos entre a lucidez e o transe. As suas proclamações, chegadas à janela, foram incorporadas ao projeto e comporão uma das duas peças sonoras.

## **1.5. CISTERNA-TÚMULO**

As cavernas, ou grutas, são cavidades de estrutura rochosa, como salões vazios; alguns, imensos. Lá chegamos por meio de orifícios e galerias por vezes demasiado estreitas. As suas camadas superficiais serviram ao abrigo e à proteção dos animais e dos homínídeos, antes de adquirirem as tecnologias de construção. Entretanto, as cavernas possuem camadas de acesso que se complexificam e chegam aos espaços subterrâneos inóspitos, com oxigênio por vezes rarefeito. Alcançá-los é uma decisão de encontro com o profundo da terra, como quem busca penetrar os mistérios do mundo. Esses

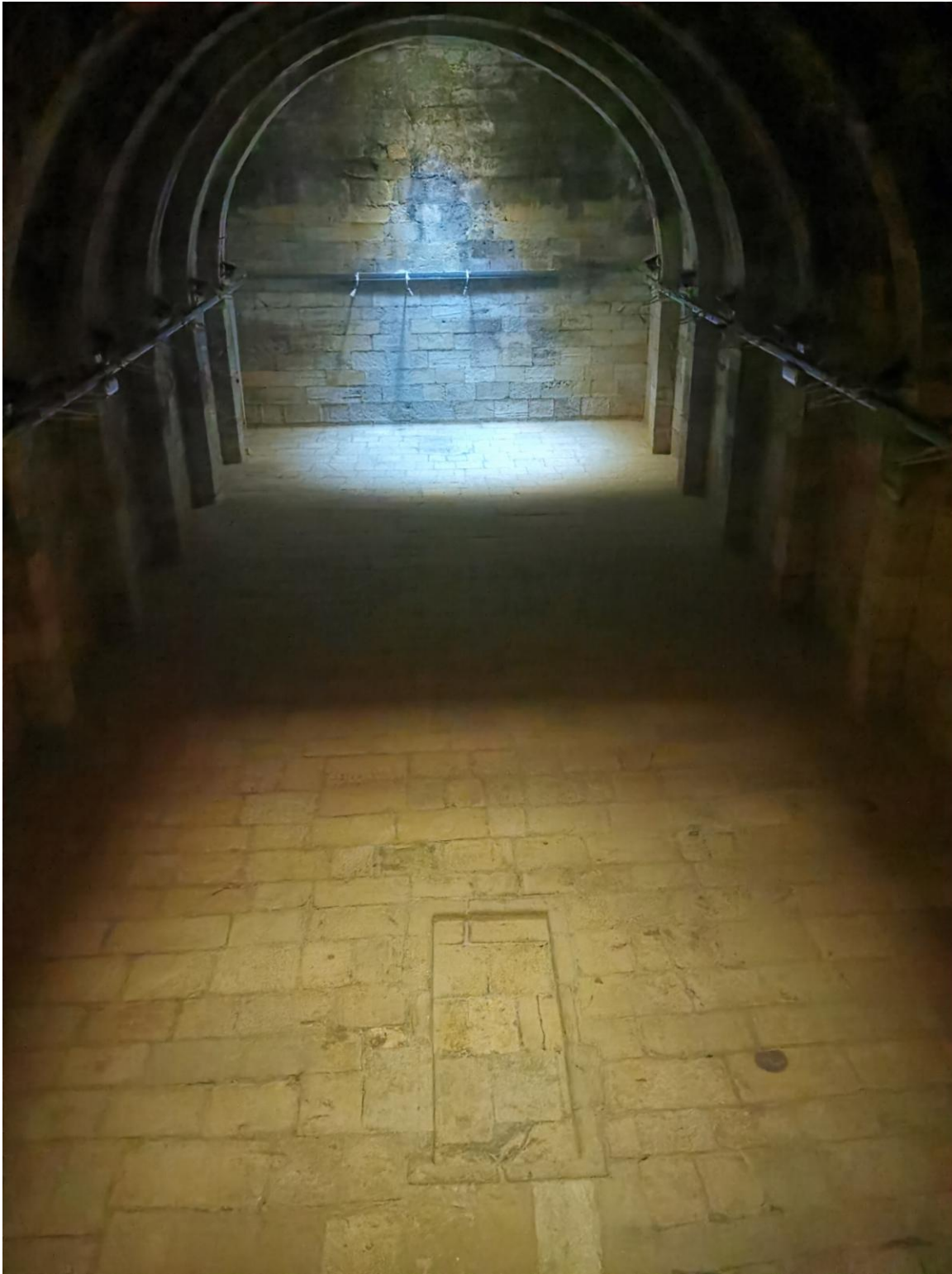
espaços profundos, vazios e subterrâneos foram eleitos pelos nossos ancestrais para guardar em segredo o que lhes era sagrado.

As cavernas acolheram os rituais fúnebres e os corpos dos humanos ancestrais desde os primeiros sepultamentos. Espalhadas por todo o mundo, são a evidência da relação universal e imanente com a busca pelas fendas da terra como espaços privilegiados para o resguardo dos mistérios da morte e da vida. Outras cavernas guardam os primeiros registros da produção artística feita pela humanidade em formação e revelam o nascimento da arte, igualmente reservada ao espaço dos ritos sagrados.

Hoje, também a cisterna do antigo Convento de São Francisco da Cidade acolhe as criações artísticas e mantém-se como local expositivo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. É aqui tomada pelo seu significado alegórico de caverna. Assim, para alcançar o seu amplo salão de teto abaulado (Figura 7), necessitamos seguir por uma via estreita (Figura 6) que nos leva ao subsolo.



**Figura 6.** Entrada da cisterna do antigo Convento de São Francisco da Cidade, atualmente galeria da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.  
Fonte: Fotografia de Potira Maia.



**Figura 7.** Visão geral da cisterna do antigo Convento de São Francisco da Cidade, atualmente galeria da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.  
Fonte: Fotografia de Potira Maia.

As cavernas são parte da terra, não a terra de Gaia, a Grande-Mãe geradora, mas no ponto mais profundo, abaixo dela, próximo ao centro, local ctônico, regido por Tártaro, deus primordial da escuridão, o Mundo Inferior, para a mitologia grega. O mundo dos mortos, local de aprisionamento para os seres inferiores, assim foi ao longo de toda a humanidade: as cavernas serviram ora ao abrigo tumular cerimonial ora ao descarte dos corpos abjetos, despojados para fins de ocultação ilegal. Hoje, sobretudo, o seu último sentido mantém-se como na história de Gisberta Salce, mulher trans e imigrante brasileira, assassinada brutalmente por um grupo de rapazes adolescentes e jogada numa cisterna, na cidade do Porto, em 2006. Homenageada na música de Pedro Abrunhosa, lembra-nos:

A distância até ao fundo é tão pequena

No fundo, é tão pequena

A queda

E o amor é tão longe

(Abrunhosa, 2010)



Nesse lugar, cheio de significância, instalarei a obra *Ecos do corpo divino diabólico*, fazendo ecoar as vozes de mulheres violadas, como vozes além-túmulo de um feminino que foi assassinado em sua potência de vida. A Cisterna-túmulo é como uma gruta fúnebre, local de encontro com o sagrado e com a morte, que *faz ver* o corpo feminino dilacerado. No túmulo, a morte enlaça-se na vida, a vida de um feminino de corpo orgástico e livre, um feminino que é voz e que, na Cisterna-útero, poderá alcançar a sua dimensão última de ser.

## 1.6. CISTERNA-ÚTERO

Assim como as profundezas dos mares acolhem o oculto do mundo e da vida que nasce sem que seja vista ou compreendida, as cisternas, enquanto fonte de água e vida, remetem-se ao sagrado das cavernas, ao penetrarem no

seio da terra e guardarem os seus segredos. As cavernas e as cisternas são análogas ao órgão reprodutivo feminino, úmido, carregado de mistérios e cujos detalhes fisiológicos foram descobertos, ainda que parcialmente, há bem pouco tempo.

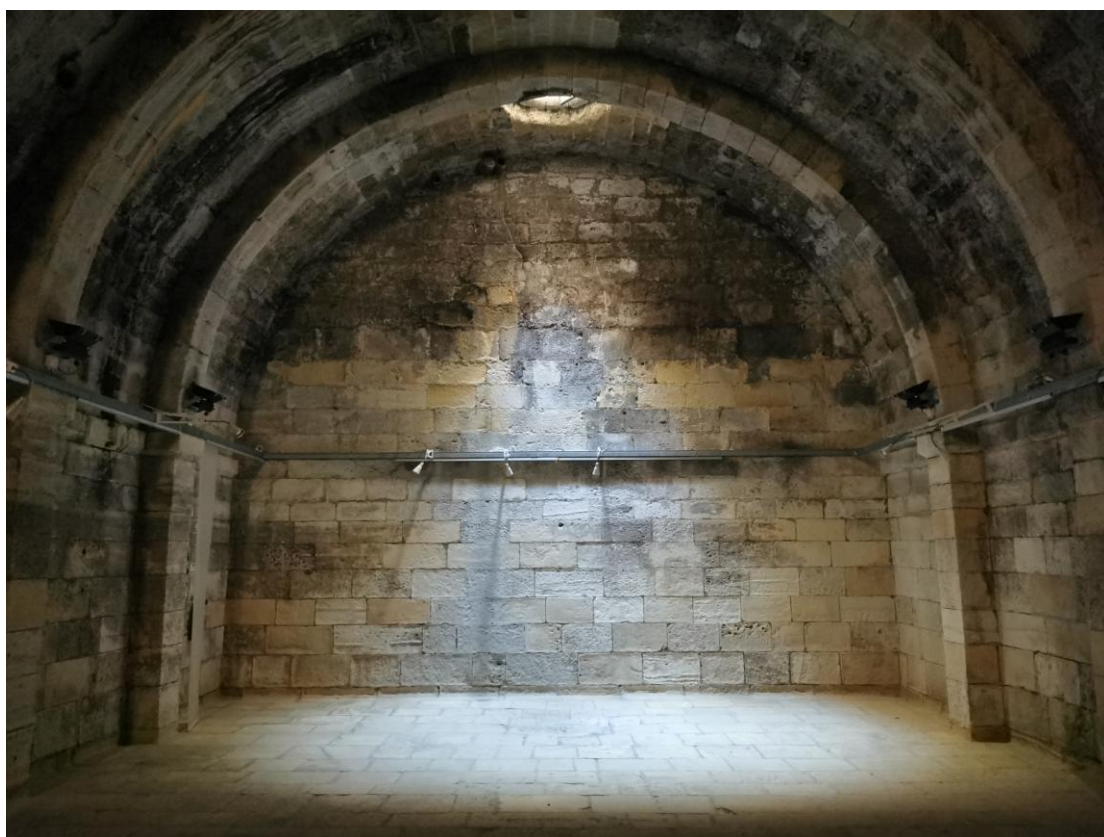
A cisterna da Faculdade de Belas-Artes, com as suas paredes de pedra, já não contém a água que abastecia o Convento de São Francisco da Cidade. Deteriora-se desde que lhe foi retirada a função de fonte. Hoje é um útero ressequido e faz ver um corpo de mulher dilacerado. A Cisterna-útero tem as marcas da dominação que a impede de ser o que ela foi.

Apesar disso, apesar de ter morrido como fonte de água, a Cisterna gera vida, uma vida da mais vívida que pode haver, a vida trazida à presença pela arte. Se a natureza dá e tira o filho vivo e mortal, a arte tira e transcende a própria morte, criando um filho imortal. No entanto, o filho imortal — a arte — é também morto, apesar de carregar em si toda a potência geradora de vida (Maia, T., 2009).

A Cisterna é útero a gerar vida-fruto de um encontro erótico. A Cisterna-útero agora é a Grande-Mãe que gera não um filho vivo, mas aquele carregado de potência de vida e carregado de erotismo, o filho que a nossa civilização, ao longo dos tempos, tentou a todo custo evitar: o *filho-obra*, gerado pelo feminino e carregado de feminino em sua complexidade, resultado do gozo doloroso, que é o encontro com a arte, o encontro com o feminino violado que tem voz.

Levar o espectador à escuta do feminino na Cisterna-útero é fazer um convite de retorno, um chamado de retorno ao útero sagrado. Como fetos, de volta ao útero do feminino maior, podemos dar-nos à escuta de uma voz outra, a voz do feminino, que não se encerra na geração de filhos, reprodutora da espécie. Ouvir intrauterinamente as vozes de um feminino que deseja e pulsa em seu corpo orgástico e sangra por ferida provocada. Sangra o sangue de um corpo violado. Talvez no retorno ao útero possamos reencontrar a vida e a morte no ventre para fazer nascer um feminino que não se contém, que ressoa em sua inteireza e complexidade, que gera a todo instante tudo o que é possível, complexo e incomensurável.

Assim como fim e começo se confundem gerando vida, a intersecção é um espaço de encontro, de transcendência e de possibilidade. A intersecção, quiçá, é a fenda por onde acessamos o mistério da vida: a inevitável abertura. É lugar da dádiva, do mistério, por onde podemos vislumbrar o sagrado e viver o erotismo. É nesta intersecção, dizendo-o agora em termos próximos de Bataille, que serão clarificados adiante, que podemos reencontrar o *heterogêneo* e harmonizá-lo com o que é realmente necessário *homogeneizar*.



**Figura 8.** Vista do orifício em formato circular por onde penetra a luz no espaço.  
Fonte: Fotografia de Potira Maia.

### **1.7. DAR FORMA AO FILHO**

A peça instalativa *Ecos do corpo divino diabólico* será composta por dois objetos escultórico-sonoros, que ocuparão o espaço expositivo da cisterna e

fazem também referência à dicotomia instaurada entre o culto terrestre e o culto celeste, que remontam à Grécia antiga. Concomitantemente, tomando a cisterna como espaço interior, intrauterino, alude ao encontro entre a morte e a vida, ponto final e originário. Por isso a iluminação será restrita à entrada de luz natural (Figura 8), com ressalva para uma iluminação artificial com fins de sinalização da escada de acesso apenas no transcorrer da entrada das pessoas. Posteriormente será apagada permitindo a imersão no universo subterrâneo.



**Figura 9.** Detalhe do recorte em declive sobre o chão da Cisterna.  
Fonte: Fotografia de Potira Maia.

Um objeto ocupará um dos pontos de entrada direta de luz, clareando um recorte retangular (figura 9) em declive, com dimensões semelhantes a uma sepultura (190cm x 80cm), embora inexistentam indícios de que tenha servido a este fim. A entrada de luz referente à tal estrutura possui forma retangular análoga ao chão, dividida em dois quadrados simétricos, e faz com que a luz irradie de maneira mais difusa, ocupando uma ampla dimensão retangular no entorno do recorte do piso.

O objeto escultórico, de cavidade oca e forma amorfa e levemente alongada, conforme demonstrado em protótipo preliminar, não definitivo (Figura 10), estará diretamente posicionado sobre a superfície do chão da cisterna, no sítio de aparência tumular. A sua estrutura será construída com cera de abelha, substância natural, maleável de cor amarelo-dourada produzida pelas abelhas operárias — estéreis — através das suas glândulas melíferas. Apesar de as abelhas operárias não exercerem o papel da reprodução, a cera, fruto da sua produção abdominal, é fundamental para o funcionamento e a estrutura da colmeia. Dentro do objeto escultórico, uma coluna de som com *bluetooth* ecoará os testemunhos das mulheres coletados por meio de entrevistas.



**Figura 10.** Detalhe do protótipo da estrutura escultórica em cera de abelha.  
Fonte: Fotografia de Potira Maia.

No outro extremo da cisterna, será instalado o segundo objeto sonoro, que ficará suspenso em uma das duas cavidades que ligam a cisterna ao exterior. Vale referir que essa cavidade corresponde a um canal cilíndrico, através do qual se recolhia água em tempos remotos. Hoje é fonte de luminosidade: uma luz toca o chão do espaço e forma um grande círculo. No centro iluminado se vê uma concavidade, provavelmente decorrente da erosão causada pela entrada da água por esse orifício a partir do tempo em que a cisterna foi desativada e anterior à colocação da cobertura.

Nesse orifício estará instalada uma coluna de som ligada a um amplificador e gravador localizado acima da cisterna, no pátio da faculdade. O amplificador será afixado por cabos às estruturas metálicas da cobertura do orifício. A saída de som estará direcionada ao interior da cisterna. A entrada do orifício estará encoberta por uma fina e fluida trama feita com fios de seda. A produção do fio da seda deriva do casulo do bicho-da-seda. Antes de transformar-se em mariposa, rompendo o casulo feito de um único fio, a larva é submetida à alta temperatura, morrendo por desidratação.

Um som que virá do alto remeter-nos-á às transcendentais vozes celestes. Desse objeto sonoro, como uma membrana através da qual luz e som transpassam, unindo-se, ecoarão os brados coletados através da minha janela. A peça sonora suspensa com os áudios da mulher desconhecida define o lugar de fala desse corpo sem nome:

porque é do alto que vem  
e eu falo como gente do alto  
falo com voz de quem vem do alto.

(Fala da mulher anônima, coletada por Potira Maia, 2021)

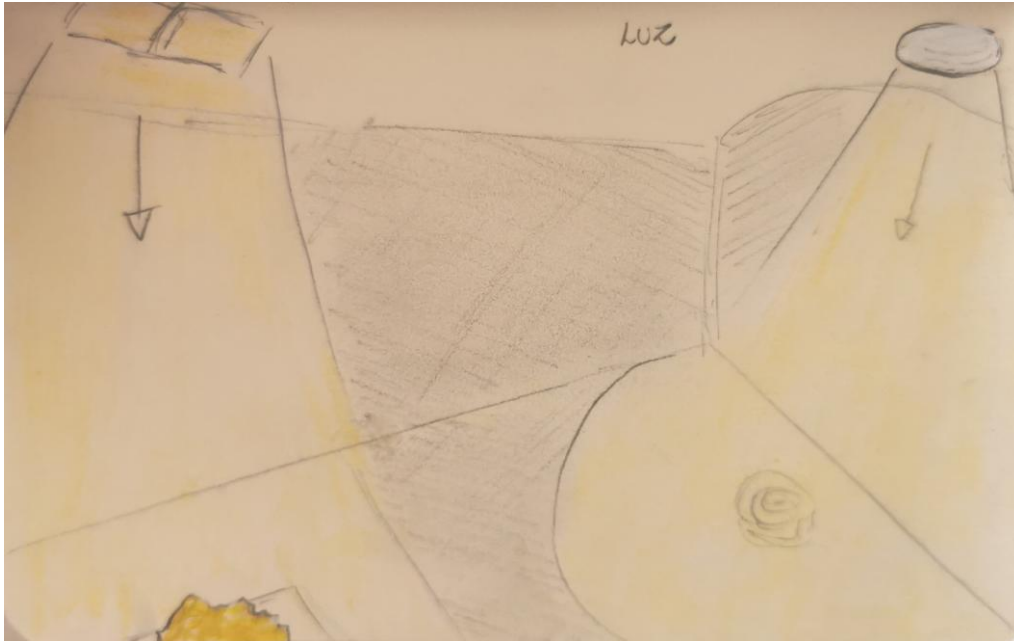
O primeiro objeto será tocado frontalmente pela luz que vem de cima, iluminando a superfície amarelo-dourada do objeto e o chão em todo o seu entorno. A luz incide sobre o objeto, cujas paredes são feitas de cera de abelha, dando destaque ao objeto de forma grotesca e desconcertante. O projeto artístico está em curso no momento da redação final deste estudo; daí

que, aqui, se apresentem apenas alguns esboços e protótipos iniciais. No seu núcleo, oculto, o monitor de som faz ecoar os testemunhos das mulheres (Figura 11).

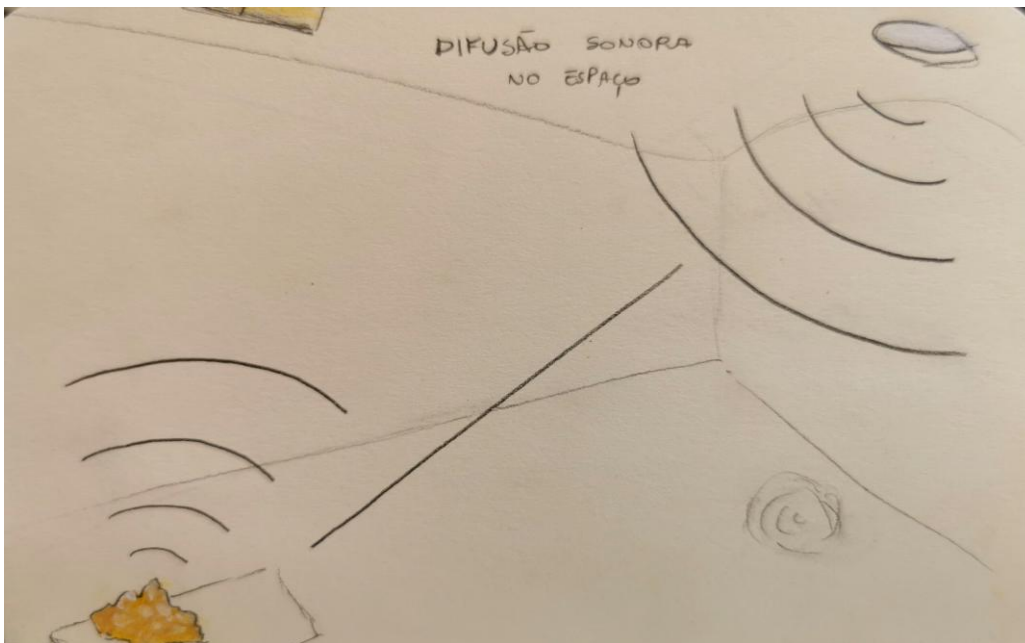
O outro objeto sonoro, ao contrário, está ocultado pelo sombreado do canal onde estará suspenso e encoberto pela membrana suave de fios de seda na sua brancura e delicadeza natural. A luz não a toca de frente, pois vem de trás da coluna de som e, ao atravessarem a fluida trama de seda, luz e som fundem-se. Como se vê em esboço (Figura 12), a posição das duas peças forma uma diagonal a cruzar a cisterna, do chão ao teto. Uma peça repousa sobre uma concavidade tumular feita da cera das abelhas operárias, inférteis, que, no entanto, produzem vida mesmo depois da extração do mel. A outra peça surge de um canal “uterino” e é feita com fios de seda, suaves e delicados, mas também mórbidos, porque produzidos a partir da morte das larvas para que a seda possa ser extraída do seu casulo. Embora as duas peças estejam circunscritas a dois espaços pontuais da cisterna, as dimensões das peças dilatam-se com o som que ecoa, preenchendo todo o espaço. A cisterna volta a inundar-se de morte e vida. Nas Figuras 13 e 14, veem-se as peças já executadas e, na Figura 15, a montagem da instalação escultórico-sonora na Cisterna, na ocasião da execução da exposição, a qual ganhou o nome de *O corpo interdito*, e da sua submissão à prova pública do Mestrado em Pintura<sup>5</sup>.

---

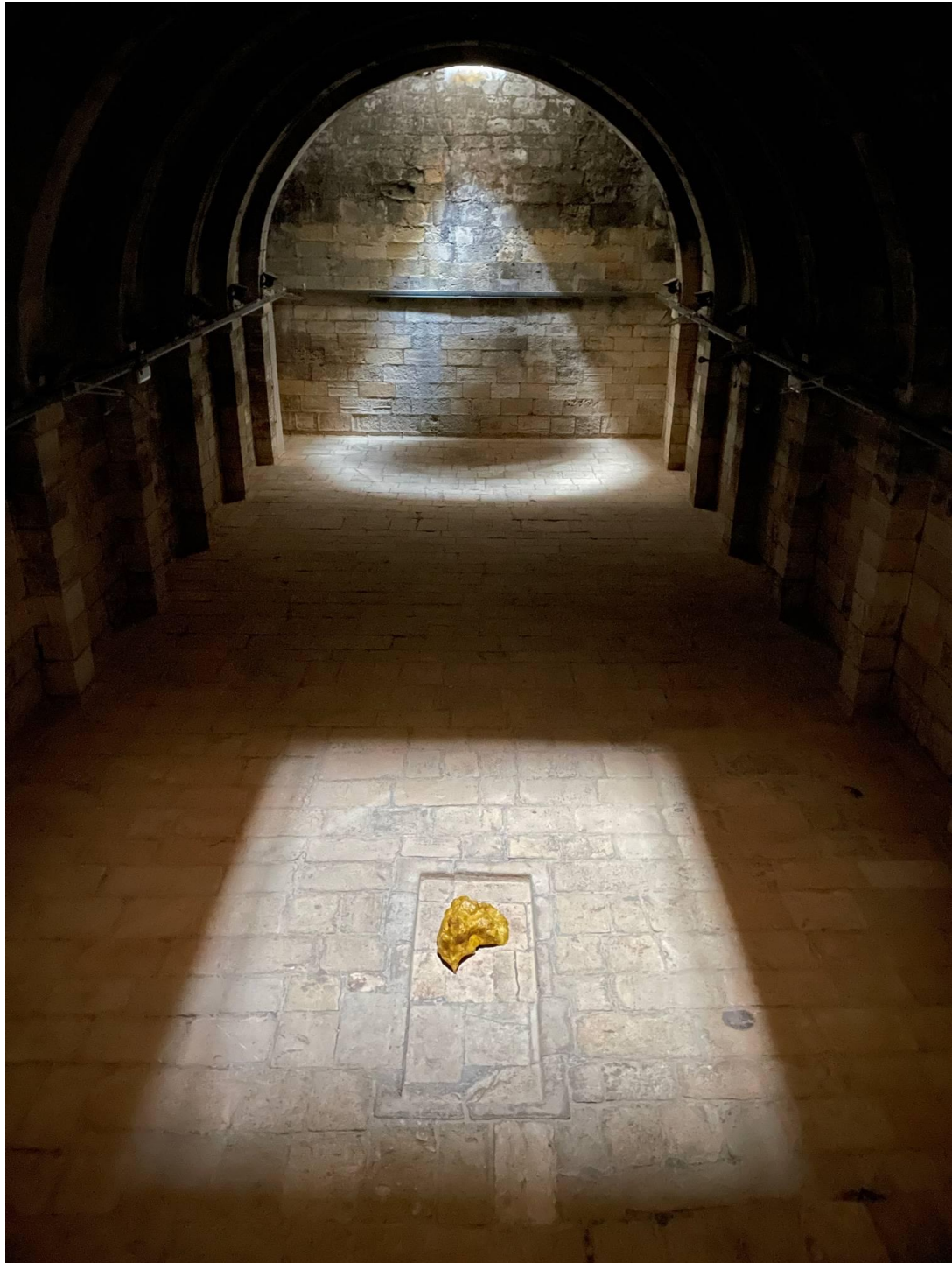
<sup>5</sup> Com o intuito de arrematar o percurso da pesquisa que findou com a execução do projeto anteriormente descrito, as imagens das Figuras 13, 14 e 15 foram adicionadas posteriormente à defesa da dissertação, com a aprovação do júri. Na secção “Anexos”, segue ainda um encarte com a transcrição das falas veiculadas através das peças sonoras, um livreto que foi entregue aos visitantes da exposição.



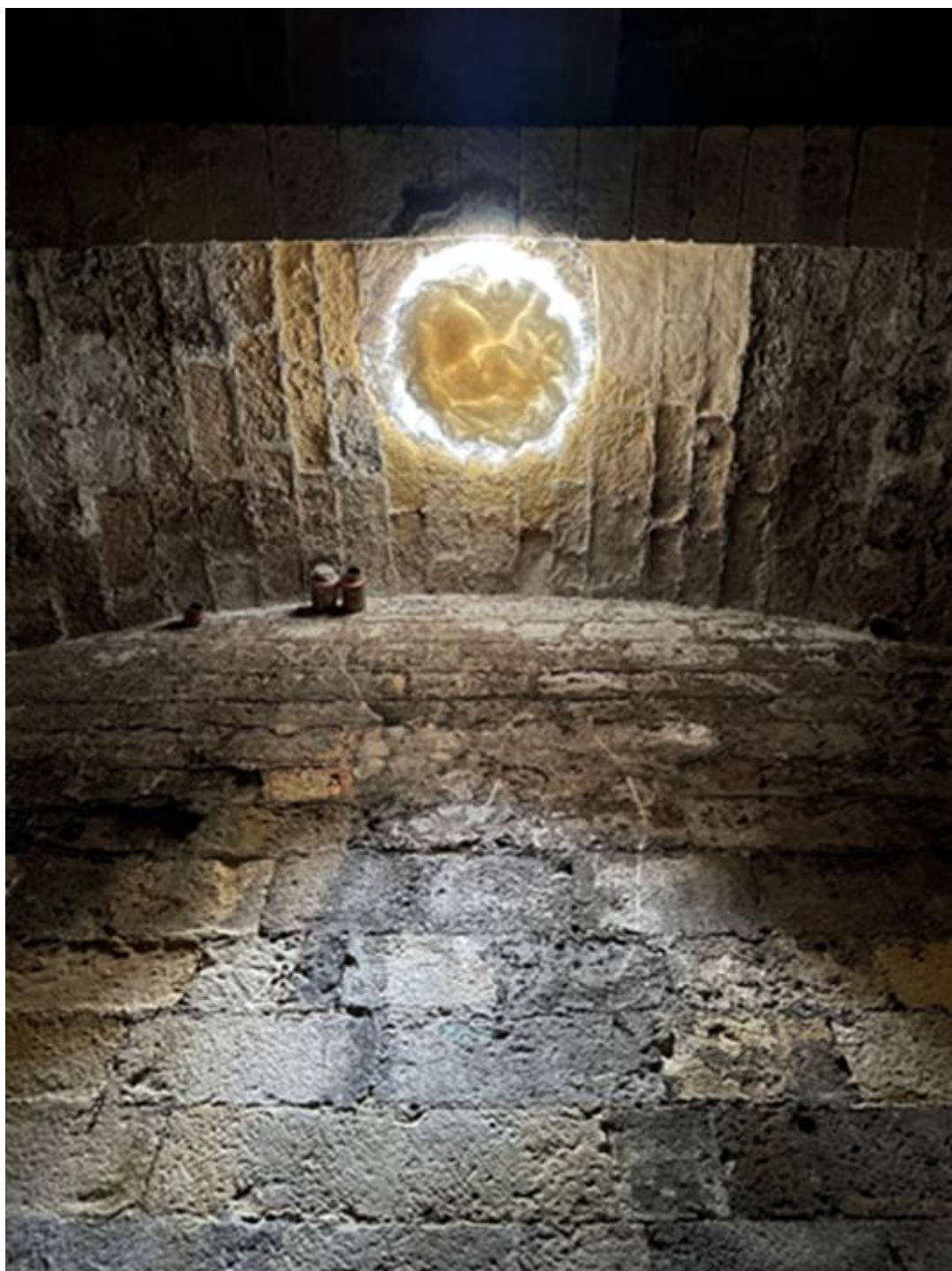
**Figura 11.** Esboço do projeto expositivo: iluminação.  
Fonte: Caderno de artista, Potira Maia.



**Figura 12.** Esboço do projeto expositivo: difusão sonora.  
Fonte: Caderno de artista, Potira Maia.



**Figura 13.** Exposição *O corpo interdito*, de Potira Maia.  
Fonte: Fotografia de Júlia Flamingo.



**Figura 14.** Exposição *O corpo interdito*, de Potira Maia.  
Fonte: Fotografia de Júlia Flamingo.



**Figura 15.** Montagem da instalação escultórico-sonora na Cisterna.  
Fonte: Fotografia de Júlia Flamingo.

## CAPÍTULO 2

### TODOS OS OLHOS ERÓTICOS

Não é para nós que o leite da vaca brota, mas nós o bebemos. A flor não foi feita para ser olhada por nós nem para que sintamos o seu cheiro, e nós a olhamos e cheiramos. A Via-Láctea não existe para que saibamos da existência dela, mas nós sabemos. E nós sabemos Deus. E o que precisamos Dele, extraímos. (Não sei o que chamo de Deus, mas assim pode ser chamado.) Se só sabemos muito pouco de Deus, é porque precisamos pouco: só temos Dele o que fatalmente nos basta, só temos de Deus o que cabe em nós. (A nostalgia não é do Deus que nos falta, é a nostalgia de nós mesmos que não somos bastante; sentimos falta de nossa grandeza impossível - minha atualidade inalcançável é o meu paraíso perdido.) (Lispector, 1964, p. 152)

## 2.1. CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE

A *physis*, enquanto força da natureza, dinâmica de vida e morte, abrange tudo o que é natural, manifesta-se também através dos movimentos reprodutivos, faz nascer e promove um encontro com a morte. A reprodução efetiva-se através de distintas formas, mas o modo típico dos animais é o sexuado, embora haja excepcionalmente animais cujos mecanismos reprodutores sejam assexuados.

Há uma diferença fundamental nos dois mecanismos reprodutores, conquanto ambos promovam a continuidade e a movimentação da energia da *physis*. Na reprodução assexuada, um ser de estrutura unicelular só é capaz de produzir um igual. A reprodução dá-se por cissiparidade. Neste caso, estão sob o domínio da continuidade e da indistinção, não há diferença entre o originário e o gerado. Na reprodução sexuada, ao contrário, são necessários dois indivíduos dissemelhantes, que juntos, sob o domínio da descontinuidade e da distinção, concebem um outro ser também desigual, fruto da fusão das partes cedidas pelos originários.

Na atividade sexual reprodutiva, dois seres da mesma espécie, um masculino e um feminino, dão-se em suas particularidades. Ao fazê-lo, as partes individuais, espermatozoide e óvulo, morrem para conceber um novo ser. As individualidades dissolvem-se enquanto seres descontínuos, e na dissolução está contida a antagônica passagem ao contínuo, efetivada no momento da fecundação. A fusão das células reprodutivas masculinas e femininas promove um encadeamento das suas essências descontínuas. A continuidade é instaurada através da morte das partes individuais, portadoras da passagem ao contínuo — a parte geradora —, fazendo surgir um novo ser, igualmente descontínuo. A união entre o espermatozoide e o óvulo, em seu estado elementar, promove uma continuidade que se dá no instante em que deixam de existir: é a consagração da morte a gerar a vida. O ser que nasce é em si descontínuo e carrega consigo a passagem ao contínuo, pela descontinuidade que ele é.

Entre as duas individualidades que se encontram para fazer nascer um terceiro, há um abismo, uma descontinuidade profunda e insuperável. A voragem que funda tal separação é a consciência da solidão, uma vez que cada indivíduo nasce e morre sozinho. Esta dimensão descontínua e distinta é vivida isoladamente em presença de uma constante *nostalgia da continuidade perdida*. Podemos, juntos, apenas compartilhar a vertigem desse abismo fascinante.

A tensão indissociável existente entre os indivíduos no processo da reprodução sexuada é dada pela iminência da morte, mas os animais não têm ciência desta. A consciência da finitude foi fundamental para promover a passagem do animal ao humano. Este processo transcorreu durante a Era Paleolítica, período de 2,5 milhões de anos atrás até cerca de 10 000 a.C. Segundo os estudos arqueológicos atuais, o Paleolítico Inferior foi marcado pela presença dos hominídeos *Australopithecus*, *Homo habilis* e *Homo erectus*. Desse período datam os primeiros registros da construção de ferramentas, aspecto fundamental para o surgimento do trabalho. Do Paleolítico Médio, quando o *Homem de Neandertal* ocupou a região da Europa, datam os primeiros sepultamentos. No Paleolítico Superior, período das cavernas pintadas e, por conseguinte, do surgimento da arte, viveram os homens com capacidade intelectual análoga à nossa. Desse modo, o encadeamento de tais acontecimentos promoveu o desenvolvimento da humanidade, que “saiu [da animalidade primeira] trabalhando, compreendendo que morria e deslizando de uma sexualidade sem vergonha à sexualidade envergonhada, de que o erotismo decorre” (Bataille, 1957/2017, p. 55).

## **2.2. HOMOGÊNEO E HETEROGÊNEO**

O trabalho introduziu o sentido de utilidade, o cálculo e o planejamento na vida natural humana. Com isso, constituiu-se a experiência de uma vida ordenada, baseada no controle da violência, do excesso, do dispêndio de energia. Em consequência, ocorreram rompimentos perceptivos na relação dos

humanos com o meio, principiando um distanciamento do sentido de totalidade e integralidade da natureza, fundada sob o princípio da continuidade. O humano diferenciou-se, deixando de sentir-se parte do todo indistinto. Fê-lo a partir da construção de esquemas particulares de vida e do desenvolvimento de mecanismos paulatinos de afastamento da sua natureza animal, com foco na produção, na conservação e no consumo.

Nesse sentido, inspirado em Kinsey, Bataille afirma:

o homem é em primeiro lugar um animal que trabalha, se submete ao trabalho e, por esta razão, deve renunciar a uma parte de sua exuberância. . . . A “animalidade”, ou a exuberância sexual, é em nós aquilo que pelo que não podemos ser reduzidos a coisas.

A “humanidade”, ao contrário, no que tem de específico, no tempo do trabalho, tende a fazer de nós coisas, às custas da exuberância sexual. (Bataille, 1957/2017, p. 184)

Os esquemas de ordenação para o trabalho e a utilidade fomentaram um mundo homogeneizável, cuja valoração foi estabelecida pela produtividade. No mundo homogêneo, o ser humano “deixa de ser uma existência para si e é tão somente uma função ordenada no interior de limites mensuráveis da produção coletiva (que constitui uma existência *para outra coisa que para si*)” (Bataille, 1933/1993, p. 11, grifo do autor). A natureza animal, ao contrário, mantém-se no mundo heterogêneo, regido por uma força não mensurável, cuja valoração é dada pela existência, estando o valor em si mesmo.

Nada distingue mais o homem dos animais do que a divisão de trabalho, nossa grande força e também a fonte de nossas fraquezas. Foi através da divisão do trabalho que o homem multiplicou seus poderes sobre a natureza numa velocidade fantástica: há apenas 30 mil anos tudo o que tínhamos para enfrentar a hostilidade do meio ambiente eram armas de pau, pedra e osso e vestimentas de peles de animais. Neste prazo biologicamente curtíssimo, saltamos da lança de madeira para o computador, a eletricidade, a engenharia genética e a energia nuclear. Isso só foi possível porque o homem,

em todas as latitudes, especializou determinados grupos de sociedade em tarefas específicas. Qualquer tigre sabe fazer tudo o que qualquer tigre faz, e nada além disso. Todo tigre é um inteiro. Nós somos fragmentados. Uns plantam, outros vendem. Uns mandam, outros obedecem. Uns celebram cerimônias aos deuses, outros carregam pedras para erguer pirâmides, templos e catedrais. (Leminski, 2017, pp. 42-43)

As palavras de Leminski apontam, em sintonia, para a teoria de Bataille, fundamentada pelas noções de economia. Para este autor, somos incapazes de compreender a realidade e a vida em sua total abrangência. Compreendemos uma parte, mas há algo que nos é maior, o incomensurável, que abrange tudo aquilo de que não somos capazes de explicar, conter e controlar, pois é dispendioso. Excede-nos e é-nos essencial: isso é o que se denomina *heterogêneo*. Por outro lado, os humanos construíram um mundo pautado no trabalho, na produção, na contenção de gastos. A essa construção passível de domínio e estruturada pelos princípios da utilidade se chama *homogêneo*.

Segundo a tese de Bataille, homogêneo e heterogêneo subsistem, um não é maior que o outro e possuem naturezas diferentes. A humanidade, desde os primórdios, contudo, priorizou o homogêneo. Em consequência disto, o resultado do rechaçamento do heterogêneo foi o domínio do mal sobre sociedade atual.<sup>6</sup>

### 2.3. INTERDITOS E TRANSGRESSÃO

Há na natureza e subsiste no homem um movimento que sempre *excede* os limites, e que jamais pode ser reduzido senão parcialmente. Desse movimento, geralmente não conseguimos dar

---

<sup>6</sup> Sobre as noções de *homogêneo* e *heterogêneo* em Bataille, vale consultar o texto “Pensar a identidade brasileira e a heterogeneidade”, fruto da minha comunicação na Escola Livre, em 7 de dezembro de 2020 (cf. Maia, P., 2020).

conta. Por definição, ele é mesmo aquilo de que jamais nada dará conta. (Bataille, 1957/2017, p. 64, grifo do autor)

As práticas de uso das ferramentas possibilitaram a consciência sobre os objetos a partir da noção de utilidade e troca, constituindo a vida humana fundada pelo trabalho. A predileção pelo homogêneo favoreceu a contenção dos excessos da animalidade, reduzindo em grande parte a exuberância da vida que nos é inerente. Apesar disto, o mundo homogêneo das coisas úteis não suprimiu e jamais conseguirá suprimir o heterogêneo.

O estabelecimento dos interditos, esquemas de regras e restrições, serve para, em alguma medida, o humano ordenar e interiorizar o que lhe excede, o intangível. As primeiras atitudes restritivas recaíram sobre a morte, ou melhor, sobre a consciência do fenômeno de passagem do *estado vivo* ao *estado de cadáver*. Nesta direção, o corpo morto de outro ser humano é para aquele que o vê a *imagem do seu destino*. Não há fenômeno mais angustiante que o encontro com o limite em que a vida se extingue. No entanto, a fronteira da morte para um indivíduo origina uma potência de vida para outro ser vivo. O processo de putrefação retira a substância vital de um ser e oferece-a a outro.

A morte arranca a obstinação do indivíduo de ver durar o ser descontínuo que há em si. Dessa consciência, emana a necessidade geradora dos interditos, esquemas ordenadores para que a humanidade possa lidar com a finitude. Fizeram-no a partir de mecanismos de controle em busca da redução do dispêndio de energia gerado pela morte e pelo encobrimento dos corpos sem vida, dando origem às práticas de sepultamento a partir do Paleolítico Médio.

Da mesma forma que a morte, também a atividade sexual foi submetida a restrições. “A natureza mistura a vida à morte no genital”, como afirma Bataille (1957/2017, p. 257). Por este motivo, dão-se as aproximações entre os interditos para com a morte e para com as atividades sexuais. Uma e outra configuram-se no limite onde a vida se extrema, faz nascer e faz morrer, causando emoções proporcionais de angústia e fascínio. Em consequência dos sentimentos ambíguos gerados, dois grandes grupos de interditos foram instaurados na vida social com o intuito de possibilitar a interiorização dos

fenômenos de nascer e de morrer, pois escapam ao domínio consciente. Os interditos fixaram-se a partir de estruturas congêneres de ocultação dos objetos de desejo. A anterioridade dos registros acerca desses fenômenos torna evidente a dimensão ontológica das interdições, ainda que a sua atuação seja variável e moldada pelas relações espaciotemporais das culturas. Os interditos têm estruturado a humanidade desde os primórdios.

As práticas restritivas conduziram a *sexualidade sem vergonha*, própria dos animais e dos encadeamentos instintivos de perpetuação da espécie, à *sexualidade envergonhada*, própria dos humanos, decorrente da busca consciente de satisfação dos desejos e submetida às leis instituídas pelo interdito, como a realização privada do ato sexual e as variações de práticas com tendência ao encobrimento dos órgãos sexuais. “É proibido fazer amor! A não ser que seja feito em segredo”, como observa Bataille (1961/2015, p. 68).

Os excessos da animalidade — o exuberante e dispendioso movimento de dar e retirar — causam tanto um fascínio extremo quanto um horror. E a criação dos interditos não foi capaz de extirpar o excedente natural do humano. A vida ordenada pelo trabalho e regida pelas leis sociais não logra suplantar a animalidade imanente, por esta fugir à lógica utilitária e às possibilidades de racionalização. O heterogêneo não é maior ou mais forte, contudo, os excessos característicos da animalidade ultrapassam o homogêneo, porque emergem de uma força cujo domínio dos mensuráveis não é capaz de comportar. É um movimento violento que escapa à razão e aos limites da individuação.

A relação com os interditos é ambígua. Se eles freiam e controlam os impulsos da animalidade, igualmente convidam à sua própria violação, pois a busca pelo reencontro com a natureza excessiva é uma força irrefreada, porquanto possui uma natureza não racionalizável. Mais que isso, o horror, além de estabelecer o interdito, é o princípio donde emana o fascínio. A repugnância ao objeto de desejo produz *um vazio tão profundo como a morte*. E a transgressão é uma resposta a esse vazio, uma busca pela plenitude reforçada pelo fascínio promovido pela proibição, tornando sagrado o objeto de desejo. A transgressão é sempre experienciada, porque responde aos

excessos incontroláveis da natureza interior fundada no dispêndio de energia, na volúpia excedente da autopreservação.

A transgressão e o interdito em relação à morte e à atividade sexual formaram um conjunto definidor e estabilizador da vida social humana. Esses mecanismos foram primordiais e advieram de uma necessidade de interiorização da inexplicável potência da vida. Sem eles colapsaríamos. Contraditoriamente, os delineamentos construídos pelos interditos ao longo da história da humanidade rechaçaram a nossa natureza animal em favor da vida homogênea. A predileção pelo mundo do trabalho resultou numa humanidade alienada da sua própria natureza e exuberância. O escamoteamento da heterogeneidade fundamental origina um mundo hegemônico patologicamente afastado da essência complexa e múltipla das coisas e seres.

As respostas aos interditos dão-se a partir de reações sensíveis contraditórias, como os sentimentos de angústia, desconforto e nojo, que provocam a repulsa, e o fascínio e o desejo, que atraem. O acatamento das interdições ou a sua suspensão dependem sempre dos processos internos desencadeados em cada ser. Bataille explica o seguinte:

“Por vezes um interdito intangível é violado, mas isso não quer dizer que ele tenha cessado de ser intangível.” Podemos mesmo chegar à proposição absurda: “o interdito está aí para ser violado”. Essa proposição não é, como parece inicialmente, uma simples provocação, mas o enunciado correto de uma relação inevitável entre emoções de sentido contrário. Sob o impacto da emoção negativa, devemos obedecer ao interdito. Nós o violamos, se a emoção é positiva. A violação cometida não é de natureza a suprimir a possibilidade e o sentido da emoção oposta: ela é mesmo sua justificação e sua fonte. (Bataille, 1957/2017, p. 88)

No ato de transgressão, o interdito não só é suspenso, como é também complementado, pois a proibição é a condição do desejo. Sem ela o jogo erótico seria acalmado e a vida não seria forçada a transpor os seus limites. A suspensão do interdito não promove um retorno à natureza primeira, de algum

modo, ela exerce uma regulação, à medida que permite escapar os excessos incontroláveis da animalidade em face da contenção acordada. E mais, as prescrições de autorização da suspensão do interdito servem à sua sustentabilidade, tanto quanto as transgressões efetivam o seu enraizamento. O interdito ganha força ao ser ultrapassado.

#### **2.4. O JOGO E O ERÓTICO**

A humanidade constituiu-se numa antagônica relação entre o controle dos impulsos violentos e da vontade de satisfação imediata, com fins na economia e na utilidade do trabalho, e a transgressão dessas restrições através da prática lúdica, da vazão dos excessos e do dispêndio de energia. Entre o interdito e a transgressão há um jogo.

A apreensão do conceito de jogo é fundamental para compreendermos o erotismo. O jogo abarca todas as atividades que envolvem um movimento avesso à lógica produtiva, cujos meios se voltam a determinados fins. Logo, compreende toda atividade contrária à finalidade do trabalho. A natureza lúdica, na qual o jogo consiste, pode ser expressa através de uma dinâmica de retração e expansão inútil e dispendiosa, envolvendo ritmo e harmonia.

O jogo está presente em todas as atividades que são fins em si mesmas, que nada objetivamente produzem, como a arte, a festa, as cerimônias, o erotismo e o sagrado. O seu fundamento é a satisfação, e a sua natureza não objetiva promove o desenvolvimento de atividades complexas de domínio simbólico, como a fantasia e a percepção estética. Algo é posto em jogo somente aos participantes, as regras são estabelecidas por eles próprios e todo sentido encerra em si mesmo. É o *espírito do jogo*. Não há qualquer vinculação aos instintos naturais, pois é uma criação despreocupada da sobrevivência ou da produtividade. Todo movimento promovido é excessivo e inútil, sustentado no desejo e no prazer.

Para Bataille, (1955/2015), em diálogo com o historiador Johan Huizinga,<sup>7</sup> o desenvolvimento humano deu-se sobretudo pelo reconhecimento do jogo e pela ampliação da capacidade perceptiva através das atividades lúdicas. O jogo possibilitou o *homo faber* — compreendido como todos os homínídeos anteriores ao *homem de neandertal* — a desviar-se da ordem repetitiva do cotidiano e criar outra dimensão da realidade, originando o *homo ludens*, do qual descendemos.

O erotismo está completamente imbricado com o desenvolvimento da atividade lúdica. Nasceu a partir do momento em que a atividade sexual deixou de ser uma resposta aos impulsos inconscientes de procriação e perpetuação da espécie e passou a ser uma busca consciente do sexo como atividade lúdica, uma resposta ao desejo de prazer.

Pela via do erotismo, a espécie humana fincou os limites de diferenciação em relação aos outros animais. Paradoxalmente, a atividade erótica não é menos a manifestação dessa animalidade inseparável, dessa força inconsciente, cujo domínio é a infração às regras criadas pela vida social ordenada pelo trabalho. É a exuberância da vida levada ao extremo através do gasto inútil de energia.

A sexualidade e a morte são apenas os momentos agudos de uma festa que a natureza celebra com a multidão inesgotável dos seres; uma e outra têm o sentido do desperdício ilimitado que a natureza procede contrariando o desejo de durar, que é próprio de cada ser.  
(Bataille, 1957/2017, p. 86)

A experiência erótica conjuga o sentido em que a morte e a vida sexual humana promovem um encontro entre dois sentimentos antagônicos, o fascínio e o horror. É uma resposta ao vazio abissal da vida interior do ser humano e emana da ânsia de superar o isolamento e de buscar a continuidade, a reintegração ao bloco originário indivisível, através da conjunção de um *nós* que se transforma em um *uno* vivido através do encontro dos corpos, dos

---

<sup>7</sup> A tese de Johan Huizinga foi publicada em 1938, com o título *Homo Ludens - vom Unprung der Kultur im Spiel*, traduzida para português apenas como *Homo Ludens*.

corações ou do sagrado. O erotismo denota a recusa da vontade de fechamento em si mesmo. Logo, aponta-nos a abertura inexorável do humano. O erotismo é que nos põe à flor da pele, como diz Chico Buarque:

O que não tem medida, nem nunca terá  
O que não tem remédio, nem nunca terá  
O que não tem receita  
(Buarque, 1976)



O que o erotismo põe em ação é a dissolução das formas constituídas. É o desejo de desfalecer-se, dissolver-se e fundir-se pela continuidade e reintegração ao incomensurável, sem que seja necessária a produção de um novo ser. É um encontro — em vida — com a morte, mas não para fins reprodutivos e perpetuação da espécie, antes para a vida que se abre no êxtase da experiência da pequena morte, como antegozo da morte final. Como argumenta Bataille,

[é] preciso muita força para perceber a ligação da promessa de vida, que é o sentido do erotismo, com o aspecto luxuoso da morte. Que a morte seja também a juventude do mundo é algo que a humanidade teima em não reconhecer. Com uma venda nos olhos, recusamos ver que só a morte assegura incessantemente um ressurgimento sem o qual a vida declinaria. (Bataille, 1957/2017, p. 84)

Na atividade sexual reprodutiva, o encontro com a morte dos gametas promove a continuidade da vida. Na atividade sexual lúdica, base do erotismo, o encontro deriva da ânsia de reintegração ao todo e é vivido como experiência interior, sem necessariamente haver a morte física das partes, como na fecundação. A morte experienciada no encontro erótico é a morte da individuação, reflete a conjunção com o objeto de desejo, “[t]rata-se de introduzir, no interior de um mundo fundado sobre a descontinuidade, toda a continuidade de que esse mundo é capaz” (Bataille, 2017, p. 42).

## 2.5. SAGRADO E PROFANO

A partir da criação dos instrumentos, os humanos fundaram a vida instituída no trabalho e nas leis sociais, possibilitando-lhes o domínio sobre o mundo natural, o que chamamos de mundo profano ou das coisas, o mundo homogeneizável. No entanto, a construção da vida produtiva não suprimiu na existência humana o sentimento de insuficiência emanado da desintegração com o todo, do excessivo e voluptuoso da natureza, que compreende o mundo sagrado.

A humanidade compôs-se na coexistência do profano, estabelecido pela supremacia dos interditos, e do sagrado, aberto pelas transgressões. As duas dimensões são tão divergentes quanto indissociáveis e, juntas, fazem ver a fissura ontológica por onde vislumbramos a continuidade.

O mundo sagrado, embora pareça contrário ao mundo profano, é determinado por este, porquanto responde às negações e interdições construídas pela racionalidade. “De uma maneira fundamental, é sagrado o que é objeto de um interdito”, como explica Bataille (1957/2017, p. 91). O sagrado é o domicílio da continuidade, em que a natureza exuberante transborda a sua potência infinita. A cisão da vida em duas esferas de natureza antagônica, são de tudo, construções racionais dos humanos. Os animais são, apenas, e vivem o esplendor que lhes é essencial. Os humanos, estes sim, buscam categorizações e explicações sobre a natureza das coisas.

Na perspectiva da humanidade primeira, humanos e animais não se diferenciavam e os mundos profano e sagrado coexistiam imbricados. No entanto, os animais, por desconhecerem os interditos e viverem a pleno gozo da natureza, eram mais sagrados. O ser humano, ao contrário, pela consciência das interdições, alcançava o mundo sagrado através da transgressão e do sacrifício de humanos e de animais. O sentido do sacrifício é explicado por Bataille da seguinte forma:

É geralmente próprio ao sacrifício fazer concordar a vida e a morte, dar à morte o jorro da vida, à vida o peso, a vertigem e a abertura da morte. É a vida misturada com a morte, mas nele, no mesmo instante, a morte é signo de vida, abertura ao ilimitado. (Bataille, 1957/2017, p. 115)

O erótico e o sagrado são experienciados quando o indivíduo, abandonando a autoproteção, se entrega sem medida às atividades que são fins em si mesmas. Nessa perspectiva, não há distanciamento entre o erotismo e o sagrado. Toda experiência erótica é por natureza sagrada, pois, transgredindo a vida social ordenada pela economia, é possível entrever a continuidade a partir da entrega arrebatadora ao desejo.

Apesar de em um amplo plano de compreensão todo erotismo ser sagrado, Bataille, para clarificar as formas de experiência do erotismo, divide-o em três categorias. O *erotismo dos corpos* é experienciado no encontro lascivo do ser dos parceiros, sendo dispensável o envolvimento emocional estabelecido pelo desejo sexual, tendo o seu limite de conjugação no orgasmo, a pequena morte. O *erotismo dos corações*, “mais livre”, estabelece-se aquando da plena fusão afetiva das partes, a recíproca abertura ao íntimo dos parceiros, possibilitando vincular-se à união sexual dos corpos emanada do desejo de extinguir a solidão estruturante e viver a plena (con)fusão de dois seres, o amor. E o *erotismo sagrado*, fincado na busca incessante da continuidade para além do mundo imediato, dá-se na experiência com o real, é uma espera aleatória em circunstâncias favoráveis e facultada pela experiência mística e reflete apenas o desejo de que nada perturbe a fluidez da vida.

Cedendo ao interdito, o *objeto de desejo*<sup>8</sup> ilumina-se e transfigura-se. Não podendo mais ser reduzido a uma coisa ou confundido com um *objeto útil*, torna-se sagrado. Então, a continuidade do ser manifesta-se àqueles que presenciam o rito solene, sacrificando-se ou testemunhando o sacrifício do ser descontínuo.

---

<sup>8</sup> A partir da perspectiva adotada nesta dissertação, em consonância com Bataille, a utilização do termo “objeto de desejo” jamais comporta a reificação do indivíduo, pois o objeto de desejo é desejado por si mesmo, nunca por ser um objeto útil.

O que o ato de amor e o sacrifício revelam é a carne. O sacrifício substitui a vida ordenada do animal pela convulsão cega dos órgãos. O mesmo se dá com a convulsão erótica: ela libera órgãos pletóricos cujos jogos cegos prosseguem além da vontade refletida dos amantes. A essa vontade refletida sucedem os movimentos animais desses órgãos inchados de sangue. Uma violência, que a razão não controla mais, anima esses órgãos, tensiona-os até a explosão e, de repente, é a alegria dos corações de ceder ao excesso dessa tempestade. (Bataille, 1957/2017, p. 116)

O sacrifício é o ato religioso por excelência, podendo ou não ter um aspecto sangrento. Decerto, os sacrifícios envolvendo sangue tornaram-se mais restritos e ganharam contornos mais ocultos no mundo atual, devido a razões postas pela perspectiva religiosa cristã, estruturante do pensamento ocidental, fundado na condenação do aspecto impuro do sagrado e na instituição do pecado.

## **2.6. TRÊS NATUREZAS DE VIOLAÇÃO**

O ser humano é constituído por uma desordem estruturante, que se manifesta como desejo de violação e que é própria da experiência erótica, logo, da natureza humana. Em razão disso, os escritos de Marquês de Sade são tomados por Bataille como referência da prerrogativa do gozo da violação às proibições, comungando da compreensão de que as leis restritivas aguçam o desejo de realizá-las. Na experiência de desorganização aberta pelo vazio íntimo, tem-se a expectativa de poder ultrapassar tudo, aceder e fundir-se ao objeto de desejo, profanar o seu aspecto sagrado, realizar o desejo de aniquilá-lo em sua distinção. Bataille argumenta que

somente a violência pode assim colocar tudo em jogo, a violência e a perturbação sem nome que lhe está ligada! Sem a violação do ser

constituído . . . não podemos conceber a passagem de um estado a outro essencialmente distinto. (Bataille, 1957/2017, p. 40)

No entanto, a violência característica da experiência erótica, tratada por Bataille possui, ao nosso ver, duas naturezas, embora não tenha sido tão claramente abordada pelo autor: a *violação do interdito*, que equivale à sua suspensão no ato da transgressão, e a *violação do ser constituído na fusão erótica*, correspondente à ânsia de rompimento do isolamento do indivíduo, do fechamento em si mesmo. A violência do erotismo emerge do excesso voraz e do vazio intransponível gerado pela consciência da vida individual, mesmo quando se trata do erotismo dos corações ou do sagrado, cujo ato sexual é dispensável. A experiência erótica não é menos convulsiva e violenta, pois a energia pletórica mobilizada no indivíduo lhe excede as possibilidades de racionalização.

Nesse sentido, Bataille argumenta que “a sexualidade física está para o erotismo, assim como o cérebro está para o pensamento: da mesma maneira, a fisiologia permanece o fundamento objetivo do pensamento” (Bataille, 1957/2017, p. 118). O erotismo atravessa o ser humano através da energia pletórica que encharca de sangue os órgãos sexuais dos seres da espécie, indistintamente, ainda que as manifestações objetivas possam ser da entrega à volúpia ou do limite da contenção ao interdito. Mesmo quando se expressa objetivamente de maneira suave e silenciosa, como num olhar, o erotismo é excessivo, porque a violência que lhe é característica é da ordem da experiência interior, em que a estrutura subjetiva do ser se desmantela na potência da animalidade.

A experiência interior do homem é dada no instante em que, quebrando a crisálida, ele tem a consciência de dilacerar a si mesmo, não a resistência oposta de fora. A superação da consciência objetiva, que as paredes da crisálida limitavam, está ligada a essa inversão. (Bataille, 1957/2017, p. 62)

A violação inerente ao encontro erótico, mesmo quando se trata do erotismo dos corpos, não se faz numa irrupção, não na perspectiva erótica primeira ou naquela abordada por Bataille. O pensamento do autor não remete às relações envolvendo abusos ou ausência de consentimento, embora exista em seus escritos algo ambíguo na associação entre a violação e certa natureza agressiva dos seres masculinos.

Ao invés, o erotismo envolve a conjunção de duas forças de mesma natureza em direção contrária, a saber: a *violação* resultante do desejo de dissolução do objeto de desejo e o *sacrifício*, subsequente à entrega de si em face da possibilidade de aniquilação da própria individualidade. Ambas são agentes da dissolução, sem a qual o jogo erótico não se sustentaria. No erotismo o desejo é tão arrebatador, a ponto de, sem reservas, o indivíduo ceder a si mesmo, sacrificar-se e deixar romper a sua individualidade pelo desejo de aceder ao objeto desejado. O prazer do jogo, tão quanto a angústia da dissolução, sustenta a junção das forças contrárias, que são, ao mesmo tempo, passivas na entrega e ativas na violação. Para ser erótico é preciso ser recíproco e bilateral.

Todo erotismo é, por essência, sagrado. As suas tipologias são apenas distinções ao nível da experiência com o objeto de desejo, considerando ainda os seus limites fluidos: o erotismo dos corpos para as experiências sexuais, o erotismo dos corações para a vivência do amor e o erotismo sagrado para a relação com a própria natureza.

A partir desta delimitação, evidenciamos uma terceira natureza de violação, de ordem mais banal e incompatível com a violação inerente ao jogo erótico, por seu caráter racionalizável e externamente objetivável. Essa violência nada possui de erótico, porquanto não emana do desejo de encontro e de fusão, mas, antes, do desejo de dominação e destruição. Paradoxalmente, a violação de natureza não erótica decorre de uma desordem da violência interior, que nos é intrínseca. É uma violência que foi incorporada pela banalidade do mundo profano e associada ao mal, fruto do escamoteamento dos aspectos impuros e violentos da natureza humana e da negação do caráter sagrado do erotismo.

A assimilação ao Mal é solidária da incompreensão de um caráter sagrado. Enquanto esse caráter foi comumente sensível, a violência do erotismo podia angustiar, e mesmo enojar, mas não era assimilada ao Mal profano, à violação das regras que garante razoavelmente, racionalmente, a conservação dos bens e das pessoas. (Bataille, 1957/2017, p.149)

Foco tal paradoxo, o do terceiro tipo de violação intimamente relacionado com os postulados religiosos do mundo ocidental, incorporado e talhado pela arte. Essa violação fere, mata e alicerça as relações de dominação pelo masculino. Aponta para o aguçamento da perturbação sexual, transformando a natureza interior e sensível do desejo de violação erótico em violência, dominação e expropriação dos atributos femininos. Essa é uma desordem que recai sobre o jogo erótico e transforma a sua natureza interior e sensível em violação deliberada, que vitimiza nomeadamente os indivíduos femininos da espécie.

## **2.7. ARTE, EROTISMO E SAGRADO**

A mesma força impulsionadora do sagrado e do erotismo move também a criação em arte e resulta do anseio de aceder à essência das coisas e seres. Retirar o véu da aparência e, assim, trazer à presença a energia da *physis*, que se manifesta num perpétuo movimento de vida e morte não se trata de copiar as coisas e seres, porque o que se imita é o ato criador.

A experiência da criação artística é erótica, pois, com um gesto, imita a força da *physis*, conduzindo ao nascimento da obra. A arte está fundada sobre a insígnia da inutilidade. Esse princípio faz dela essencialmente erótica. Não por acaso, as primeiras produções artísticas das populações pré-históricas, no Paleolítico Superior, coincidiram com os registros do surgimento do erotismo, confluindo para a convulsão do encontro face a face com a morte e o culto da fertilidade.

Bataille apresenta uma imagem encontrada na Caverna de Lascaux (Figura 16), descoberta em 1940, como evidência do esplendoroso surgimento do erotismo primitivo e da sua compreensão por parte dos humanos primeiros. As pinturas, realizadas no profundo da caverna, fazem ver, através da luz do fogo, a lógica do interdito e o espaço de acesso ao sagrado através de ritos mágicos, envolvendo a representação de humanos e animais. O difícil acesso ao espaço da caverna revela-nos a dimensão secreta do sagrado que só pode ser visto sob a luz de um pacto entre os participantes em ritos solenes, com o testemunho de convocados eleitos à entrega do sacrifício.

Entre as pinturas encontra-se uma figura humanoide com cabeça de pássaro, deitada ao chão, em frente a um bisonte que parece dirigir-se a ele. O animal com o pêlo eriçado perde as suas entranhas e agoniza. A frontalidade do bisonte ferido de morte parece anunciar um ataque. Na iminência da sua aniquilação, o homem tem o órgão sexual erguido. A sua excitação é manifestação do erotismo, a ânsia do júbilo de ir até ao limite da vida, quando tudo se esvai e se tem a expectativa de poder tocar a continuidade, a indistinção da natureza.

No Paleolítico Superior, também se registra grande número de pequenas esculturas encontradas em lugares diversos do mundo e denominadas de Estatuetas de Vênus. Dentre essas, destaco: a Vênus de Willendorf (Figura 17), que, esculpida em calcário oolítico, tingida de ocre vermelho e medindo 11,1cm, foi encontrada na Áustria, datada de 25 000 a. C.; e a Vênus de Hohle Fels (Figura 18), peça mais antiga das estatuetas de Vênus, associada ao início da Era Aurignaciana, datada entre 38 000 e 33 000 a. C., feita em marfim de mamute com 6cm.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Informações recuperadas a partir de <http://www.visual-arts-cork.com/prehistoric/venus-of-willendorf.htm> e <http://www.visual-arts-cork.com/prehistoric/venus-of-hohle-fels.htm>.



**Figura 16.** Bisonte estripado e figura humana com cabeça de pássaro?  
Caverna de Lascaux, cerca de 16 000-14 000 a. C.  
Fonte: Khan Academy.

A maioria dessas estatuetas mede entre 3cm e 40cm de altura, apresenta cabeça diminuta, braços e pernas mais afinados nas extremidades e pés ausentes. Muitas delas têm feições exageradas nos aspectos distintivos dos corpos femininos, os atributos de geração da vida, nomeadamente a vulva, o ventre e os seios. Caracterizam o culto da fertilidade. A representatividade das peças manifesta a eleição do corpo feminino à sacralização, graças à sua capacidade de gerar vida, fundamental para a perpetuação da espécie, sobretudo naqueles tempos.

A força da reprodução, a fecundidade, é um atributo exclusivo dos seres portadores do órgão sexual feminino. Dentro do ovário, aspectos da biologia, da física e da química entrelaçados operam o necessário movimento gerador da morte dos gametas, que engendram a formação e fazem nascer outros seres distintos. No aparelho sexual feminino, a força da *physis* manifesta-se em sua potência geradora.



**Figura 17.** Vênus de Willendorf, 11,1cm, calcário oolítico, entre 24 000 e 22 000 a. C., Áustria.  
Fonte: Wikimedia Commons.



**Figura 18.** Vênus de Hohle Fels, marfim de mamute, 6cm, entre 38 000 e 33 000 a. C., Alemanha.  
Fonte: Wikimedia Commons.

Parece-nos coerente, portanto, a mulher ter sido consagrada, desde os primórdios, à representação da *physis*, já que somente um corpo com aparelho reprodutor feminino é capaz de gerar todos os corpos humanos dos diferentes sexos. A sacralização da fecundidade feminina ocorreu, sobretudo, por este corpo comportar o grande mistério de que jamais a racionalidade deu conta. No ventre, o corpo feminino processa a morte e gera a vida.

Entretanto, a consagração da mulher, pelo seu atributo fecundo, não foi isenta de implicações. Os aspectos fundamentais da animalidade tiveram o seu primeiro transcurso irrompido com a *individuação*, quando os hominídeos tomaram consciência de si, enquanto seres descontínuos, fissurando a relação *interespecífica*. Ao meu ver, o segundo encadeamento distintivo constituiu-se na *sexuação*, aspecto responsável pela segmentação da espécie em dois grupos dissemelhantes de corpos, o feminino e o masculino, constituindo, assim, uma segunda fissura primordial, *intraespecífica*, responsável pelo desencadeamento de uma sociedade expropriadora do feminino.

A segmentação dos humanos a partir da percepção de que os indivíduos poderiam, grosso modo, ser classificados em dois grandes subgrupos caracterizados pelos aspectos objetivos das suas genitálias deu-se desde esses tempos remotos. Formou-se a gênese do modelo de divisão de masculino e feminino estruturado a partir dos extremos possíveis da formação genital dos corpos. Paradoxalmente, os modelos de masculino e feminino foram menos pautados em tais atributos visíveis e objetiváveis do que nas expectativas subjetivas atribuídas a um e a outro segmento.

Não obstante, apesar de os aspectos terem-se complexificado ao longo da história, ganhando outras camadas, que acentuaram a construção dos modelos de identificação, a gênese da questão pode ser vista no confronto entre os ícones da arte pré-histórica: o primeiro foi apresentado por Bataille, a pintura do bisonte ferido, e o segundo, por nós, as estatuetas de Vênus. Um e outro, em contraponto, fazem ver a origem da segmentação da humanidade em dois grupos sexuais com papéis sociais distintos para o exercício da sexualidade. A primeira cena evidencia o nascimento do erotismo, a consciência do desejo de experiência da pequena morte através pela imagem

de um corpo masculino. A segunda imagem revela o culto da fertilidade, a transfiguração do corpo feminino em sagrado pelo seu atributo fecundo, expressa por um corpo de mulher que é portador da dádiva da reprodução.

Ambas pronunciam o entrelaçamento das primeiras associações relativas às diferenças sexuais, que estabeleceriam papéis identitários não só particulares, mas progressivamente hierarquizados: os corpos masculinos associados ao encontro erótico, e os corpos femininos, à representação da fertilidade com fins de perpetuação da espécie. O facto de datarem do mesmo período evidencia este aspecto bastante emblemático — e visto à luz da tese batailliana — de que o erotismo foi disruptivo no processo de hominização, ficando determinadamente as bases de diferenciação dos demais animais, no encontro com a tese de Hérítier, sobre a valência diferencial dos sexos. O que a concomitância temporal do surgimento do erotismo e do culto da fertilidade tem a nos dizer?

A sacralidade do corpo feminino, pela sua capacidade de reprodução no tempo em que se evidenciara o surgimento das fusões sexuais inúteis, somente pela satisfação do prazer — o erotismo —, mostra-nos um descompasso entre os membros da espécie. Ao fixar-se em um papel de exaltação pela reprodução, a mulher foi subtraída do seu potencial integral, excessivo, erótico, lúdico. A simultaneidade dos dois acontecimentos faz ver como a sacralização da fertilidade foi essencial para o aprisionamento da mulher numa função exercida pelo seu corpo, com vistas à perpetuação da espécie. Se pelo erótico nos constituímos enquanto humanos, sacralizar a mulher pela reprodução simbolicamente significa colocá-la à margem da humanidade, deixando-a no limiar de acesso ao que nos caracteriza como humanos.

Muitos se referem a esse período como tendo sido um tempo em que as mulheres teriam sido detentoras de um poder social. “[O]s cultos da maternidade não significavam liberdade social para as mulheres. Pelo contrário, os objectos de culto são prisioneiros da sua própria inflação simbólica” (Paglia, 1990/2007, p. 22). As estatuetas — muitas delas em terracota — denotam alegoricamente o aprisionamento feminino. Sob a

carapaça de corpo cerâmico, rijo e sagrado, é resguardada a essência feminina. A fenda genital só lhe deixou exercer a função produtiva, reprodutiva. De sacralizado pela fecundidade, o aparelho sexual feminino foi conduzido à aviltção ao longo dos transcursoos históricos que veremos. Os excessos constitutivos, o desejo de prazer, a volúpia e o seu corpo orgástico foram contidos pelas paredes absorventes que lhe secaram a humidade e lhe furtaram o erótico.

Um paralelo entre os fatores de rompimento na evolução da humanidade primeira e os processos de desenvolvimento psicosexual aponta a concomitância dos processos vividos no plano da individualidade e no plano das construções sociais. Primeiro, o bebê percebe-se distinto, fundamento da individuação. Posteriormente, descobre o seu órgão sexual e nota haver um outro grupo de seres com características genitais diferentes, iniciando o processo de imitação por identificação.

As aproximações entre os processos metafísicos e os individuais remetem-nos aos ciclos de repetição da natureza, fluxo-refluxo permanente e incessante, operados no macro e no microcosmo. Como se dia a dia, a cada nascimento, renovássemos os primórdios da construção da nossa humanidade fundamental, marcada por uma tensão fragmentadora e instauradora da primeira e perene dominação intraespecífica, incide sobre os sexos, conforme defende Hérítier, uma ferida aberta, por onde sangram, involuntária, natural e não naturalmente, as mulheres.

## CAPÍTULO 3

### A HISTÓRIA DO OLHO DIVINO

Tive então um sentimento de que nunca ouvi falar. Por puro carinho, eu me senti a mãe de Deus, que era a Terra, o mundo. Por puro carinho, mesmo, sem nenhuma prepotência ou glória, sem o menor senso de superioridade ou igualdade, eu era por carinho a mãe do que existe. Soube também que se tudo isso “fosse mesmo” o que eu sentia — e não possivelmente um equívoco de sentimento — que Deus sem nenhum orgulho e nenhuma pequenez se deixaria acarinhar, e sem nenhum compromisso comigo. Ser-lhe-ia aceitável a intimidade com que eu fazia carinho. O sentimento era novo para mim, mas muito certo, e não ocorrera antes apenas porque não tinha podido ser. Sei que se ama ao que é Deus. Com amor grave, amor solene, respeito, medo e reverência. Mas nunca tinham me falado de carinho maternal por Ele. E assim como meu carinho por um filho não o reduz, até o alarga, assim ser mãe do mundo era o meu amor apenas livre. (Lispector, 1971/2016, pp. 403-404)

### 3.1. O PENSAMENTO DA DIFERENÇA

A vida que levamos e a forma como encaramos a realidade são um entrelaçar da concepção do eu, do outro e do mundo, construída ao longo do nosso processo de formação social. Por conseguinte, qualquer tentativa de compreensão das tensões que envolvem a relação entre os seres, especificamente entre os indivíduos de sexos diferentes da espécie, atravessa inevitavelmente as esferas da identidade e da alteridade, construídas na articulação entre as experiências individuais e coletivas.

O *pensamento da diferença* — o modo como a dissemelhança dos sexos foi compreendida e assimilada pela humanidade — não deveria comportar uma construção hierárquica entre homens e mulheres, uma vez que a concomitância dos diferentes é a garantia de equilíbrio para a existência da espécie. “A desigualdade não é um efeito da natureza. Foi estabelecida pela simbolização desde os tempos originais da espécie humana a partir da observação e da interpretação dos factos biológicos notáveis” (Héritier, 2002, p. 14). A humanidade construiu hierarquias, e estas sempre estiveram orientadas para o mesmo lado, fundamentando a superioridade dos homens e a inferioridade das mulheres.

A primeira justificativa para a construção do paradigma da valoração diferencial dos sexos deu-se pelo argumento da fragilidade dos corpos femininos em face da iminência permanente da morte, aquando da perda de sangue involuntária. Não obstante o sangue quente conotasse a vida, o sangue perdido pelas mulheres nos seus ciclos reprodutivos foi interpretado como um indicativo do seu menor calor em relação aos homens e, logo, como uma maior vulnerabilidade das mulheres perante a morte.

Apesar dessa correlação, ao mesmo tempo, cabia a esse *corpo frágil* manter e perpetuar a espécie. Então, a sacralização da fecundidade justificou-se porque o corpo das mulheres manifestava o espantoso milagre da vida. O culto do corpo sagrado, o feminino, conduziu a mulher ao espaço protetivo do lar — às cavernas, nos primórdios da humanidade —, para que estivesse a salvo na gravidez e no período pós-parto, aquando do aleitamento e da

nutrição das crianças na fase de desenvolvimento inicial, garantindo a sobrevivência da espécie. Assim, sob o argumento do cuidado e da salvaguarda da continuidade da espécie, as mulheres foram contidas no âmbito do espaço interior e mantidas numa relação de dependência da proteção e do guarnecimento proteico masculino.

A questão elementar posta por Hérítier é a de que a fragilidade em momentos particulares da vida da fêmea da espécie não justifica a sua posição de dependência e subalternização em todas as fases da vida. De acordo com a autora, a inferioridade instituída da mulher pautou-se em dois raciocínios recorrentes e entrelaçados. O primeiro consiste na ideia de uma essência feminina, cujas imperfeições naturais justificariam a submissão da mulher ao homem. O segundo baseia-se na dominação pela violência física, decorrente da crença em um tempo de estrutura política matriarcal, quando as mulheres teriam sido destituídas do poder pela força ou pela própria incompetência.

Em relação ao primeiro pressuposto, o da imperfeição natural feminina, Hérítier contra-argumenta que, ao longo da história, houve uma manipulação simbólica dos dados concretos e visíveis para determinados interesses, assunto sobre o qual me debruçarei nas seções a seguir. Quanto ao segundo, a autora contesta-o por ser negado pelo primeiro argumento. Ora, se as mulheres são naturalmente inferiores, por que haveria de existir a necessidade de dominação, que se manifesta ostensivamente e com traços de violência? Além disso, como apontam a antropologia dos sexos e boa parte das pesquisadoras feministas, não há dados indicativos que comprovem ter existido substancialmente sociedades matriarcais ao longo do nosso processo de evolução da espécie humana, mesmo nos dias atuais.

Historicamente, o culto das estatuetas de Vênus é significativo, pois evidencia os períodos em que a fecundidade feminina foi reverenciada, mas somente este atributo feminino exclusivo. Isso não prova a existência de recortes espaciotemporais em que as mulheres tenham vivido estatutos de igualdade, nem tampouco possuído poder político sobre a comunidade. “Colocar a mãe no lugar da mulher equivale a atribuir a esta uma única função que oblitera a pessoa em si” (Hérítier, 2002, p. 14).

Tais representações perpetuaram ao longo da história através da arte, penetrando no nosso universo simbólico, sem que tenhamos consciência disso. Em vez de ter servido à valorização da mulher, a especificidade do corpo feminino fecundante, as representações e o culto da fertilidade favoreceram a sua expropriação.

A grandeza do fascínio em face do sagrado é proporcional ao pavor gerado por ele. Portanto, quanto mais se elevar o valor do objeto sagrado, mais aguda será a reação de interdição sobre ele e, conseqüentemente, ainda maior a angústia, aquando da violação do interdito. A tensão permanente e irreduzível atribuída sobre o domínio da continuidade da espécie foi gerada porque os homens se viram desprivilegiados diante da dádiva das mulheres de gerarem a vida.

A importância e a quase-universalidade destas representações que despojam as mulheres da sua capacidade bruta de fecundidade mostravam bem que o motor da hierarquia residia bem no seguinte: na apropriação da fecundidade e a sua repartição entre os homens. As mulheres foram consideradas como o bem mais necessário à sobrevivência do grupo. Sem reprodutoras, não há futuro. Dado o tempo necessário à fabricação *in utero*, ao aleitamento no seio, à aprendizagem da autonomia física, impunha-se uma conclusão: também era necessário que as mulheres fossem apropriadas para que os machos não corressem o risco de ver o fruto desejado escapar-lhes em proveito de outrem, do mesmo modo que o elo social do intercâmbio entre grupos parceiros era necessário para não correr o risco da morte nas incursões de predação quando as mulheres escasseiam no seio do grupo. (Héritier, 2002, pp. 18-19)

Há ainda um agravante. Não é apenas o privilégio da mulher parir que funda a questão da dominação sobre o seu corpo, mas a sua capacidade de gerar indivíduos dos dois sexos. E a incapacidade dos homens de conceber o seu semelhante, a sua descendência. Em outras palavras, as mulheres geram fêmeas e machos da espécie humana, enquanto os homens não são capazes

de gerar nem um nem outro. Para se reproduzir à sua semelhança, o homem é *obrigado a passar por um corpo de mulher*” (Héritier, 2002, p. 20, grifo da autora). Esse dado substantivo conduz à sua tese: a dominação masculina sobre o espírito e o corpo femininos resulta da inveja que os homens sentem sobre um poder que é exclusivo da mulher, o poder de gerar a vida, de perpetuar a espécie, o que o masculino não é capaz de superar e o coloca numa situação de eterna dependência.

Na medida da sua significação, uma ação de defesa contém em si um ataque. O sentimento de ameaça gerado face ao feminino explica o porquê de os homens apropriarem-se dos corpos das mulheres, partilharem-nos entre si e aprisionarem-nos em tarefas domésticas, subordinados, ligados à reprodução e à alimentação do grupo. Enquanto a humanidade permanecia concomitantemente mais imbricada e mais vulnerável à natureza, a mulher mantinha-se no centro da perpetuação da espécie. Isso foi-se modificando à medida que a sociedade se desenvolvia, e controlava os recursos naturais, pautando-se em mitos e discursos travestidos de racionalidade. A apropriação dos atributos femininos fez-se na construção de um sistema primordial que alterou o significado da realidade para manter os homens no centro do poder.

Principiou-se sob o estatuto da *eleição*, da predileção do acesso feminino ao sagrado e simultaneamente associado à aparente necessidade de proteção das mulheres e, contudo, à desvalorização das funções delegadas ao feminino. E desenvolveu-se consubstanciado na seguinte lógica: se não há gravidez sem a relação sexual, é porque os homens fornecem o necessário à criação do novo ser. Neste sentido, o corpo da mulher passava a ser apenas um lugar de passagem, um lugar de acolhida para ser nutrido, até que o novo ser estivesse pronto para nascer.

A tese de Héritier sobre a inveja masculina encontra ressonância nos estudos antropológicos de Bastos, que cita vários exemplos de realidades coletivas organizadas que ainda hoje evidenciam a criação e a perpetuação de mitos apropriadores da fecundação como forma de instituir e manter os homens no centro do poder simbólico da geração da vida. Bastos questiona: a guerra entre os sexos é o motor da história e “[o] poder é de quem precisa de o

conquistar, corrigindo a natureza?” (Bastos, 2019, p. 83). E aponta exemplos de culturas onde os homens, detentores do poder, mantêm as mulheres numa relação de submissão, impossibilitadas de acessar o poder a partir do domínio da fecundidade. Um bom exemplo é o de comunidades da Nova Guiné, onde os homens forjam períodos de gravidez em rituais de *couvade*,<sup>10</sup> a partir da lógica de conversão simbólica do sêmen em leite, transfigurando o membro sexual masculino em símbolo de amamentação, fazendo do esperma moeda fálica e transmissora da eternidade intergeracional.

A tese de Hérítier da universalidade da relação de dominação do masculino sobre o feminino não se circunscreve aos processos iniciais do desenvolvimento da sociedade. Apesar da ascensão das mulheres aos espaços que lhe eram anteriormente interditos por serem reservados a funções ditas masculina, há ainda um domínio reservado ao masculino. Mesmo quando, no século XVIII, as descobertas científicas dos óvulos e dos espermatozoides tenham permitido dissolver os equívocos que as colocaram numa relação de subalternização obliterante e violenta, mesmo quando, no século XX, a descoberta do jogo cromossômico e o DNA<sup>11</sup> apontaram a contribuição partilhada na procriação entre o homem e a mulher, pai e mãe biológicos, e suscitaram a definitiva dissolução da relação de dominação e submissão, a persistência das relações de expropriação dos corpos das mulheres revela que o centro da questão se encontra na vida religiosa humana.

### **3.2. A METAFÍSICA OCIDENTAL E A INFERIORIZAÇÃO DAS MULHERES**

O processo da humanidade primeira, sobre o qual nos debruçamos anteriormente, deu-se na busca por imprimir certa ordenação à vida a partir do trabalho e progressivamente da razão, priorizando o mundo homogêneo. A arte

---

<sup>10</sup> Designa a assimilação pelos homens dos sintomas vividos pelas mulheres na gravidez. Os estudos antropológicos descrevem comportamentos culturais estruturados neste princípio, como o ritual de sobreparto, em que os homens se mantêm em repouso e evitam alimentos após a companheira parir. Segundo o *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, esse é um hábito muito comum entre comunidades originárias da América do Sul.

<sup>11</sup> Hérítier adota a sigla ADN para designar ácido desoxirribonucleico. DNA é a sigla da forma inglesa *deoxyribonucleic acid*, mais usada comumente (Infopédia, Dicionários Porto editora).

testemunhou e fez-se testemunho do processo embrionário do construto que sustenta o nosso estar no mundo. As imagens da pré-história, nas quais nos apoiamos, sinalizam que o paradigma entre masculino e feminino remonta a um passado imemorial. Não obstante, esse paradigma ganhou contornos sólidos na Antiguidade Clássica, a partir da fusão entre a razão greco-romana e a fé judaica — a metafísica ocidental —, apoiada em ostensivas manipulações simbólicas dos homens para justificar a inferiorização natural das mulheres.

Não é que a relação de dominação do feminino pelo masculino seja restrita à cultura ocidental. Ao contrário, Hérítier sinaliza que os princípios instituídos pela Antiguidade Clássica e pela religião cristã, a qual abordaremos a seguir, ecoam até os dias de hoje e evidenciam a potência de um modelo fantasioso de natureza sub-reptícia, que se tornou hegemônico:

Um mesmo sistema global de representação das relações homem-mulher (logo, um mesmo sistema cultural) está em vigor em todo o mundo. A extensão dos direitos do homem às mulheres, que dissemos decorrer de um objetivo universal nascido da pura razão, só pode ser realizado a velocidades diferentes devido às resistências ao modelo tanto por parte daqueles que ocupam a posição dominante, nomeadamente nas sociedades de enorme pobreza, como por parte daquelas que interiorizaram a situação que lhes foi criada. (Hérítier, 2002, p. 127)

Para delinear o desenvolvimento da hierarquia estabelecida entre as categorizações binárias fundadas nas diferenças entre os sexos, apoiamo-nos em dois substratos de origem greco-romana: um episódio mitológico da cosmogonia grega e o desenvolvimento do pensamento filosófico fundador da valência diferencial entre o feminino e o masculino, substancializado no pensamento aristotélico.

Segundo a *Teogonia* de Hesíodo, Gaia, a Terra força primordial, primeiro gerou o Céu constelado, por cissiparidade. Envolvendo-a por completo, o Céu manteve a Terra num eterno estado de partejamento. Submetida a esta função e exaurida da tarefa permanente da procriação, pediu ao seu filho Chronos, o

Tempo, para castrar o pai, Urano. A castração de Urano fez o seu esperma espalhar-se pela terra e pelo mar, fazendo nascer outros deuses, como Afrodite, a deusa do amor, fruto da espuma do mar, que era o próprio esperma de Urano.

Essa narrativa mitológica releva alguns aspectos fundamentais que passaram a estar associados ao feminino. O primeiro deles é que Gaia, o princípio feminino, originário, em face do princípio masculino, o seu duplo perfeito, o Céu, passa a ser dominado por este, através da procriação. O segundo aspecto faz-se ver quando Urano fecunda os mares, sozinho, retirando o poder feminino da procriação e transformando o sêmen no elemento gerador. Esse é um exemplo que podemos enquadrar na afirmativa de Bastos de que os deuses, os rituais e a invenção de procissões aterrorizantes foram criados para sustentar uma fraude simbólica, a saber: o roubo masculino da primazia da fecundidade inicialmente atribuída às Mães.

A dimensão mítica do pensamento grego foi paulatinamente absorvida pelo pensamento filosófico que transformou a perspectiva de complementaridade das forças opostas numa relação hierárquica. Segundo Amaral, os pré-socráticos sabiam que o equilíbrio era possível somente no encontro dos “contrários”, em presença de uma tensão. Os sofistas, contudo, lidavam com o paradigma dos seus antecessores, ser e não-ser. *Physis* e *lógos*, imbricados e em face desta tensão, optaram por definir que o que é da ordem do Ser se subdivide em duas esferas: movimento e estase. A subdivisão do Ser isolou a *physis*, princípio proliferador, do *lógos*, princípio da permanência, estabelecendo o paradigma da fixidez e os pressupostos da hierarquia entre os opostos. “Lógos é o que retém; *physis* o que dispersa. Lógos é o permanente; *physis* o mutante. Lógos é o ser; *physis* é a aparência. Jogando-os desse modo um contra o outro, a força da negatividade exclui a *physis*” (Amaral, 2015, p. 125).

Aristóteles, citado por Hérítier, pautado na relação entre *lógos* e *physis* instituiu filosoficamente a inequivalência entre os humanos, formalizando um pensamento já instalado na sociedade da época, a partir das especificidades relacionadas com as funções de cada sexo no processo de reprodução. Para

ele, o calor era responsável pela transmutação do sangue em esperma, e este era o sopro da vida. As mulheres, tendo um sangue frio, seriam incapazes de efetivar a cocção e, assim, apenas transformariam o sangue em leite, que é a nutrição, mas não a matéria originadora da vida. Partindo desse princípio, a mulher, matéria disforme e indiferenciada, deveria ser dominada e domesticada pela força do pneuma<sup>12</sup> masculino, pois o esperma daria o espírito, a forma, os valores, a identidade ao novo ser, usando para isso a matéria feminina.

O modelo aristotélico promoveu a expropriação do poder de fecundação das mulheres, transformando o sêmen na substância geradora e convertendo a mulher num mero receptáculo, matriz, lugar de passagem. Essa relação foi difundida muito além das sociedades gregas antigas e universalizou a cultura fálica, cujo esperma foi transfigurado em portador intergeracional da eternidade.

Estabeleceu-se objetivamente a hegemonia masculina, por meio do sistema de crenças cuja inequivalência entre os sexos pressupunha a inferiorização radical das mulheres. Os indivíduos do sexo masculino, “confundidos com a categoria «espécie humana»” (Héritier, 2002, p. 49), consagraram-se Homem, ser onipotente, dono do Mundo, detentor da voz na *Polis*, da criação sobre quase todas as coisas indistintamente.

### **3.3. A DESAGREGAÇÃO DO FEMININO**

Além de assentar a inferioridade feminina, também foi na Grécia, ainda através do mestre de Aristóteles, Platão, que a integralidade do feminino foi cindida em duas faces com pesos morais distintos. A Academia Platônica inaugurou um entendimento do amor decorrente da sua teoria sobre a superioridade do mundo das Ideias e a imperfeição do mundo terreno, que seria uma prisão ou uma cópia desfigurada das formas puras. A superioridade da Mente humana traduziu-se nas relações de geração do amor e na determinação dos modos de concepção do feminino, representadas por duas

---

<sup>12</sup> Sopro, princípio espiritual, essência.

Vênus vislumbradas na obra *Amor sagrado e amor profano*, de Ticiano (Figura 19). Para Panofsky, a nudez como representação da alma, figura o amor sagrado da Vênus Celestial, enquanto a vestimenta evidencia o amor profano, a manifestação da Vênus Terrena.



**Figura 19.** *Amor sagrado e amor profano*, de Ticiano Vecellio, c. 1514.

Fonte: <http://www.uv.es/mahiques/ENCICLOPEDIA/TIZIANO/AmorSacroProfano.pdf>

A *Vênus Celestis*, aquela nascida do esperma espalhado pelas águas do mar no episódio da libertação de Gaia, é filha de Urano. Sem mãe e, portanto, completamente imaterial, não trazia uma herança materna (*mater*, matéria). Era, por isso, livre das impurezas do mundo terrestre, nascera do encontro das águas com a potência geradora do Céu e vivia na zona superior da Mente Cósmica.

A *Vênus Vulgaris*, — também chamada de *Vênus Terrena* ou *Vênus Natural* —, é filha de Zeus, Júpiter e Dione, que, em uma das versões adotadas pelo autor, é figurada ao lado de Juno. A sua morada situa-se entre a Mente Cósmica e o Mundo Sublunar,<sup>13</sup> região da alma cósmica.

---

<sup>13</sup> Segundo Aristóteles, a realidade sensível está dividida em duas esferas claramente diferenciadas entre si: o mundo chamado “sublunar” e o mundo “supralunar”, ou celeste. O mundo sublunar é constituído por todas as formas de mutação entre os quatro elementos — terra, água, ar e fogo — e compõe o mundo terreno.

A Vênus Celestial é a inteligência pura, enquanto a Vênus Terrena dá forma às coisas da natureza e está ligada à matéria em sua imperfeição. Cada uma delas está ligada a um Eros, concebendo formas particulares de amor. A filha de Urano gera o amor celestial, *divinus*, e, portanto, tem uma forma mais elevada. A Vênus Terrena, filha de Zeus com a deusa das ninfas, dá forma ao amor *vulgaris*, de faculdades intermediárias entre a imaginação e a percepção sensual.

A relação entre o feminino e o masculino na vida terrena grega<sup>14</sup> refletia estes aspectos mitológicos e incorporava os princípios filosóficos então construídos: o homem sendo a alma, o verbo, a verdade do *lógos*, e a mulher, a terra, a matéria, a *physis*, desordenada e caótica. Por esta incapacidade natural, não gozavam do estatuto de cidadania. Logo, eram impedidas de participar nos debates públicos, políticos e jurídicos, e deveriam conter os seus corpos de natureza caótica.

O controle do corpo da mulher e da sexualidade feminina, cuja vigilância estava a cargo dos parentes mais próximos, se converteu em um fator central para a sociedade; não é por outro motivo que a virtude mais elogiada nas mulheres era [e ainda é] a *sōphrosýne*, ou seja, a temperança, o autocontrole, a moderação e, sobretudo, a contenção do desejo sexual. (Santos, 2016, pp. 33-34)

Nesse tempo, foi instituído e fundamentado o silêncio feminino. Por não possuírem a condição necessária à vida política, de ordem superior, as mulheres deveriam manter-se caladas em concordância com a sua constituição menor e, por isso, subordinadas ao homem, detentor da superioridade da razão.

---

<sup>14</sup> Segundo Santos, “[s]er esposa e mãe era seu papel social e cumprir este destino era o comportamento esperado delas. Desde muito cedo, as meninas eram preparadas para esse momento e realizavam uma série de rituais que propiciassem um bom casamento em termos de fertilidade e abundância. Casar uma mulher no mundo grego, entretanto, era um negócio entre homens, que poderia trazer benefícios para as famílias envolvidas, mas no qual a noiva era, em geral, um objeto mudo na transação. Apesar de seu consentimento ser necessário, sua preferência não era considerada fundamental para a realização do acordo matrimonial” (Santos, 2016, p. 33).

O esquema platônico foi harmonizado ao cristianismo através da associação da Vênus Celeste com a Virgem Maria, maculando a coexistência das duas Vênus e rasurando a Vênus Natural ao pecaminoso lugar de Vênus prostituível. O sistema inaugurado por Platão perpetuou-se ao longo da nossa história, sendo revisitado muitas vezes, especialmente por Marsílio Ficino (1433-1499) em Florença. A Vênus Celeste — pudica — caiu no gosto de uma sociedade cujo domínio da fecundidade feminina se transformou numa questão moral universal, pelos motivos que explana Panofsky:

há uma diferença de valor entre uma forma “contemplativa” de amor que se eleva do visível e particular ao inteligível e universal, e uma forma “activa” de amor que encontra satisfação dentro da esfera visual. Nenhum valor se pode atribuir ao mero desejo, que desce da esfera da visão à do tato e a que os neoplatônicos dignos desse nome não deviam dar o nome de amor. Só aquele cuja experiência visual não seja senão o primeiro passo, embora inevitável, em direção da beleza inteligível e universal, atinge esse estado de “amor divino” que o equipara aos Santos e aos Profetas. Aquele que se satisfaz com a beleza visual permanece no terreno do “amor humano”. E aquele que nem sequer é capaz de beleza visual entrega-se à libertinagem ou, pior ainda, abandona um estado contemplativo, já alcançado, pelos prazeres sensuais e cai, vítima dum “amor bestial” (*amor ferinus*) que, segundo Ficino, é mais uma doença que é um vício: é uma forma de loucura causada pela retenção de humores nocivos no coração. (Panofsky, 1989, p. 127)

A citação de Panofsky dá-nos a compreender que a hierarquização entre duas formas de amor e dois modelos de feminino é consentânea com o cristianismo. A noção do pecado acabou por legitimar a Vênus pudica e por condenar a Outra, que é a representação da manifestação carnal da experiência erótica.

Esse paradigma entre duas formas de existência do feminino perpetua-se e o padrão comportamental grego mantém-se, apesar dos avanços da mulher na ocupação do espaço público, mesmo após a “revolução sexual” do

século XX. Os fundamentos identitários do feminino, construídos entre mitos e filosofia, ainda ressoam dentro de nós. Permanecemos em luta — homens e mulheres — para romper com as mulheres de Atenas,<sup>15</sup> inspirados pela sátira de Chico Buarque:

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas  
Geram pros seus maridos os novos filhos de Atenas  
Elas não têm gosto ou vontade  
Nem defeito nem qualidade  
Têm medo apenas



...

E as gestantes abandonadas  
Não fazem cenas  
Vestem-se de negro, se encolhem  
Se conformam e se recolhem  
Às suas novenas  
(Buarque, 1976)

### 3.4. O NASCIMENTO DE DEUS E A APROPRIAÇÃO DA FECUNDIDADE

O encontro entre os gregos e os judeus deu-se em um momento em que ambos já não mantinham o seu esplendor em mais alta linha. Os gregos estavam distanciados do seu passado mítico, convertido em contos da mitologia; os judeus, afastados dos seus profetas depois do cativeiro na Babilônia. Não obstante, “os gregos tiveram a intuição intelectual do Ser; os judeus, a certeza imediata de Deus” (Amaral, 2015, p. 41), e a confluência entre eles fundiu a fervorosa fé judaica e estruturada razão filosófica grega, por volta do século I.

Desse encontro paradoxal e confuso nasceu uma cultura que já não era grega, embora não se distanciasse dos pressupostos estabelecidos pela

---

<sup>15</sup> Em entrevista, Chico Buarque explicou que a música “Mulheres de Atenas”, de 1976, foi feita por ele a partir de um pedido de Augusto Boal, que lhe entregou um roteiro da letra, para compor uma peça feminista (cf. Buarque, 2005).

tradição filosófica grega, e igualmente não era judia, apesar de ter absorvido a fé judaica. Desse encontro resultou uma cultura que perdura mais de dois mil anos, uma cultura que é, ainda, a nossa.

Durante os dois primeiros séculos, a relação entre o cristianismo, a recém-nascida religião, e as religiões pagãs manteve-se sob tensão. Através do decreto do imperador Teodósio I em 380 d.C., o cristianismo foi instituído como religião oficial do Estado romano e, a partir de então, foi institucionalizada a encapsulação do sagrado na perspectiva do divino e a primazia pela manutenção da vida pautada na contenção. Aprofundaram-se, em consequência, as tensões envolvendo o sagrado e a atividade sexual, pois a Igreja rechaçou as experiências eróticas e as transgressões do “espírito livre”. A volúpia mergulhou no mal, como afirma Bataille:

O interdito, no mundo cristão, se tornou absoluto. A transgressão teria revelado o que o cristianismo velou: que o sagrado e o interdito se confundem, que o acesso ao sagrado é dado na violência de uma infração. . . . [O] cristianismo postulou, no plano religioso, este paradoxo: o acesso ao sagrado é o Mal; ao mesmo tempo, o Mal é profano. (Bataille, 1957/2017, p. 150)

Mas o mal não é a transgressão em si, é a transgressão condenada. “O Mal é exatamente o pecado”, diz Bataille (1957/2017, p. 151). Assim, a *culpa* foi instituída com o *pecado*. Dessa forma, o cristianismo estabeleceu a fragmentação radical do sagrado em duas dimensões: o *divino* de natureza sobrenatural e pura, e o *diabólico* de caráter também sobrenatural, porém impuro. Criou o Céu, reino de Deus, e o Inferno, reino do Diabo, à semelhança da mitologia greco-romana relacionada com o Urano, plano celestial, e com o Tártaro, plano terreno subterrâneo.

O sagrado foi circunscrito à figura descontínua de um Deus, o *Criador individual*, condenado à solidão da eterna distinção. Com isso, a existência individual descontínua foi prolongada após a morte, já não sendo possível ao humano unir-se ao sagrado e indiferenciar-se no todo contínuo. Segundo Bataille, o cristianismo

[p]ovoou o céu e o inferno de multidões condenadas com Deus à descontinuidade eterna de cada ser isolado. Eleitos e danados, anjos e demônios, arbitrariamente distintos uns dos outros, arbitrariamente separados dessa totalidade do ser a que é preciso, no entanto, restituí-los. (Bataille, 1957/2017, p. 145)

Dois aspectos significativos promovidos pelo cristianismo serviram à mudança na estrutura de pensamento até então instituído. O primeiro refere-se à cisão estabelecida entre o puro e o impuro, da qual ressoa a teoria das ideias de Platão, de inferioridade do mundo material. Esse aspecto resvalará sobremaneira nas delimitações do feminino, sobre o que discorreremos a seguir.

O segundo é a engenhosa apropriação e monopolização do poder sagrado da criação, etapa final — se assim podemos dizer — de uma construção representativa que se centrou, inicialmente, no culto da fertilidade durante a pré-história, desenvolvendo-se numa perspectiva de sagrado composto por divindades de natureza masculina e feminina na Grécia, embora esse sagrado já fosse tendencialmente inclinado à superioridade do masculino. Assentou-se no cristianismo com a ausência do feminino no plano sagrado/divino e circunscrito à figura masculina de Deus, o Pai. O cristianismo rompeu com o culto terrestre, ligado à Mãe-geradora, instituindo uma narrativa cuja força de criação foi concentrada na figura de Deus, o Pai celeste, criador de todas as coisas.

Houve, então, uma inversão na lógica natural de que “as mulheres fazem filhos dos dois sexos, que a procriação, nomeadamente dos filhos do sexo masculino, e a reprodução social dependeriam [e dependem] assim da boa vontade da feminidade e do corpo das mulheres” (Héritier, 2002, p.56). Ao mesmo tempo, a criação desse sistema de crenças esbulhou as funções femininas e ocupou esse lugar, subalternizando o papel da mulher na procriação. Não podendo ser, de todo, negado, o culto das figuras maternas foi tardiamente reconhecido como sagrado através dos cultos marianos.

Apesar disso, alcançaram somente uma dimensão secundária. Foram sempre tangenciados pelas delimitações de um padrão permitido pela Igreja, cuja Mãe sagrada era também a imagem de uma virgem, promovendo a condenação das manifestações de evocação da Mãe-geradora, como o culto da Nossa Senhora do Ó (ou Nossa senhora da Expectação), surgida na Idade Média e perseguida pela Igreja por representar a Mãe com ventre fecundo, conforme Mestre Pero faz ver a “Virgem” grávida, com a mão repousada sobre a barriga, na imagem do acervo do Museu de Arte Antiga, em Lisboa (Figura 20).



**Figura 20.** Nossa Senhora da Expectação, de Mestre Pero, c. 1325-1350?  
Fonte: Fotografia de Potira Maia.

Com essa transfiguração simbólica — do Pai gerador —, o masculino apossou-se do seu contrário, processo instituído através da fabulação bíblica e imbricada com o poder político através da instituição de uma religião oficial do Estado. Invejosos, os homens rebaixaram as mulheres, usurparam-lhe

simbolicamente os seus atributos e repartiram-nos entre eles. Fazendo das mulheres meros receptáculos do filho de Deus e de todos os demais filhos humanos, transformaram-nas num transvio, embora substantivo da produção da vida, um desvio incômodo e perigoso.

### 3.5. A CONDENAÇÃO DAS MULHERES

Para Bataille, a cisão do puro e do impuro com o sagrado, promovida pelo cristianismo, atribuiu aos humanos o valor supremo, na medida em que “Deus fez o homem à sua imagem”, em oposição aos seres inferiores, que estão alheios aos interditos: os animais, o Diabo, que perdeu o brilho da rebelião e foi condenado ao rebaixamento, e as pessoas em decadência social, com destaque para as *mulheres em baixa prostituição*. O autor realça o seguinte:

O rebaixamento é indefensável; a transgressão não era ao mesmo ponto. Foi, de qualquer forma, na medida em que o cristianismo atacava, antes de tudo, o rebaixamento, que ele pôde lançar sobre o erotismo, considerado em seu conjunto, a luz do Mal. (Bataille, 1957/2017, p. 161)

Os animais, apesar de impuros, permaneceram inocentes, visto desconhecerem as leis dos interditos. E as mulheres foram — todas — rapidamente responsabilizadas pela corrupção dos homens na infração dos interditos sexuais, tornando-se depositárias da culpa e do mal. Discordando parcialmente de Bataille a respeito de o rebaixamento das mulheres estar circunscrito àquelas em baixa prostituição, entendo que, através do cristianismo, *todas* as mulheres foram rebaixadas. De maneira análoga ao diabo, foram consideradas potencialmente perigosas, sobretudo para os homens, e, por isso, deveriam estar sempre sob a vigilância e o domínio masculino. A inferiorização das mulheres, estabelecida pela cultura grega, foi, então, transformada pelo cristianismo numa sumária *condenação*.

Por consequência, a procriação, por dar-se impreterivelmente por meio da experiência sexual e por unir morte e vida intrauterinamente, foi alvo da maior das interdições. Sobre a mulher recaiu uma maldição por ser detentora de um corpo imanentemente perigoso e impuro, “portador do antagonismo da vida e da morte, do leite [gerador de vida] e do sangue [menstrual e portador da morte] misturados, fonte profunda da poluição” (Héritier, 2002, p. 42).

O corpo feminino tornou-se, portanto, o *corpo diabólico*, porque comporta segredos que escapam ao racional e que põem as mulheres dependentes e vulneráveis ao próprio segredo, ao tabu, ao interdito. Se antes o reino feminino era a terra de Gaia, com o cristianismo o corpo das mulheres passou a estar sub-repticiamente associado ao Tártaro, lugar subterrâneo e perigoso.

Essa narrativa representou o despojamento do feminino, que já estava cindido pela escola platônica do amor. A feminilidade de natureza material e imperfeita, representada pela Vênus natural, convertida na categoria de prostituível, foi apagada com a condenação substantiva da experiência sexual das mulheres.

Para transmutar o mal associado à natureza impura do corpo feminino e permitir a necessária procriação dos humanos, sob a égide da moral estabelecida, o cristianismo aprimorou as estratégias de dominação simbólica em curso através da pseudopossibilidade de pureza da atividade sexual, ainda que para fins reprodutivos. Precisou, contudo, de grande elaboração imaginativa para estabelecer-se como verdade. Foram, então, impingidas condições de pureza ou de purificação às mulheres, corrompedoras das mentes masculinas.

A história da Virgem Maria, mãe de Jesus, é o exemplo máximo e teve caráter educativo. Maria fora concebida por Sant’Ana, uma mulher idosa e infértil, que recebeu a dádiva da gestação de Maria, enquanto o seu esposo, São Joaquim, penitenciava no deserto. Por meio de um milagre divino, nasceu Maria, pura. Assim, Maria, a virgem imaculada, resguardada de qualquer impureza, pôde trazer ao mundo Jesus, o filho divino.

O contrassenso expressivo de tal ficção está no facto de a humanidade só existir graças ao poder ativo engendrado no útero da mulher e ao encontro sexual dos corpos de sexos diferentes, com os seus fluidos e força pletórica impetuosa. A cópula é um encontro naturalmente excessivo e impuro. A vida gerada inevitavelmente estará amalgamada dentro dos órgãos sexuais condenados ao pecado.

O transcurso de todos esses acontecimentos narrativos foi decisivo na construção de uma sociedade essencialmente misógina, que tem na mulher a objetificação do perigo. Em decorrência disto, as populações mantêm-se em permanente estado de elaboração de estratégias de dominação pelo masculino. A formulação dos estratagemas que formam este sistema de expropriação do feminino tem como fim não ferir ou, pelo menos, não pôr em risco a força da ordem e a hegemonia masculina em sua busca infundável de fusão com o Divino.

O cristianismo, ao reduzir o sagrado a uma única figura, a de Deus, que, além de tudo, é uma figura masculina, transfigurou o desejo de indistinção com o todo na fusão com a figura de Deus. Então, segundo Bastos, a experiência mística da busca inconsciente de imortalidade no cristianismo circunscreveu-se no desejo de *aliança homoerótica* com Deus, o Pai, no desejo do homem de tornar-se também Deus às custas do domínio despótico sobre a sexualidade feminina, portadora da primazia da fecundidade, e da construção de um mundo centrado no poder fálico, hoje concentrado no poder do dinheiro.

### **3.6. O EROTISMO E A VIOLAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS**

Venho discorrendo, através de apontamentos de natureza histórico-antropológicas, sobre como foi construído o sistema de crenças que hierarquiza a relação entre os sexos e resulta na dominação e na violência contra as mulheres. Este construto tem a sua gênese nas qualidades diferenciadas do corpo feminino. Então, volto a ele para arrematar em que medida as teses de Bataille e Hérítier se complementam.

A tese batailliana fundamenta o processo de constituição dos humanos pelo erotismo, questionando a estrutura lógica de pensamento ocidental, baseado num sistema combativo de forças divergentes, que resulta num domínio de uma força sobre a outra e que tem a sua máxima no extremo: vida *versus* morte, na qual a morte se apresentaria como a derrocada da vida. Defende que os movimentos entre vida e morte, fascínio e horror, continuidade e descontinuidade, humanidade e animalidade, enquanto complexas estruturas congêneres, em permanente movimento de convergência e divergência, são indissociáveis, e uma não se sobrepõe a outra. É o encontro entre elas que permite o equilíbrio da vida. Bataille questiona a matriz religiosa do pensamento ocidental, fundamental na consolidação da primazia do homogêneo e da produtividade, que desconsiderou o excesso sexual, alicerçando a construção da sociedade capitalista da acumulação e desviando o ser humano da consciência de si.

A partir dos pressupostos teóricos estabelecidos por Bataille acerca do erotismo, infiro que, na relação erótica, o indivíduo é desejado pelo que é. Do encontro resultam apenas o prazer e a expectativa da fusão. A energia gerada pelo erotismo tem origem fisiológica, e passa pelo fluxo sanguíneo que faz inchar de sangue os órgãos sexuais, permitindo o alcance do orgasmo. Esta é uma característica eminentemente humana e atinge igualmente todos os seres da espécie, havendo, contudo, respostas específicas determinadas pela anatomia dos órgãos de homens e mulheres. Pensar o erotismo é, irrefutavelmente, entendê-lo enquanto força imanente, isonômica e intraespecífica.

Enquanto experiência interior não objetivável, a energia pletórica, mobilizadora da experiência erótica, toma posse de maneira congênere de todos os membros da espécie, independente de haver o ato sexual em si. Efetiva-se através da condensação involuntária de energia e sangue nos órgãos sexuais e, apenas nesse sentido, opera-se de maneira dissemelhante entre os indivíduos portadores de vagina ou pênis. Também varia em expressão, conforme os grupos e as construções histórico-culturais estabelecidas por cada sociedade.

Para Bataille, existe uma completa equivalência entre os sexos, aquando das experiências do erotismo sagrado e das dos corações. Contudo, ao tratar as questões envolvendo o erotismo dos corpos, o autor contradiz a sua própria teoria pautada na experiência interior e responsável pela distinção da espécie frente aos demais animais.

Neste momento, afasto-me do pensamento batailliano, embora seja ainda uma excepcional referência para elucidar a persistência de um pensamento subjacente e de origem arcaica. Aponta como inconscientemente o dogma da separação entre os sexos está imbricado na cultura ocidental, especialmente dos indivíduos masculinos. Mesmo em se tratando de filósofos e pensadores de importância basilar na construção do pensamento humano, quando se trata de pensar este outro ser — o feminino —, eles adentram num universo de confusão epistemológica e reforçam os estereótipos. Tomo alguns dos seus escritos a respeito da distinção entre a experiência erótica dos corpos, para elucidar o paradigma sobre o qual me propus ponderar:

[E]m princípio, tanto um homem pode ser objeto do desejo de uma mulher, quanto uma mulher pode ser objeto de desejo de um homem. Entretanto, o procedimento inicial da vida sexual é o mais das vezes a procura de uma mulher por parte de um homem. Os homens tendo a iniciativa, as mulheres têm o poder de provocar o desejo dos homens. . . . na sua atividade passiva, elas tentam obter suscitando o desejo, a conjunção a que os homens chegam perseguindo-as. Elas não são mais desejáveis, mas se propõem ao desejo. Elas se propõem como objetos ao desejo agressivo dos homens. (Bataille, 2017, pp. 154-155)

O fundamento do jogo erótico é, para Bataille, o desejo de indistinção. Portanto, os indivíduos envolvidos estão na condição de serem tão desejantes quanto desejáveis e desejados. Ao referendar a passividade enquanto característica feminina e a atividade enquanto característica masculina, Bataille coloca em xeque a apreensão do erotismo enquanto experiência interior, força sensível que transborda do próprio ser. O erotismo excede de dentro para fora,

pois emana da potência das energias pletóricas que são naturalmente ativas, por mais que as interdições lhes queiram tolher. Aportar-se no argumento entre passividade e atividade como delimitações entre os sexos é manter-se reproduzindo o paradigma do pensamento dualista baseado na divisão do mundo em forças opostas e reduzidas em si mesmas, paradigma questionado por ele próprio.

Em contrapartida, a teoria de Hérítier, consciente das relações de dominação e igualmente focada na crítica ao pensamento dualista que hierarquiza a relação entre os sexos, explica e questiona a estrutura que fere o estatuto de equidade:

Efectivamente, haveria por exemplo uma «natureza» feminina que fosse o da passividade (versus actividade) e a da submissão (versus agressividade)? Seria necessário um longo caminho argumentativo para passar da doçura objectivamente identificável da voz ou da pele (devido aos efeitos das hormonas sexuais que não são perceptíveis a olho nu e que só são conhecidas há apenas um século), para as qualidades de passividade e de submissão que deveriam então decorrer naturalmente delas. Se isso parece natural é porque se trata de uma construção intelectual que provém do princípio original da valência diferencial dos sexos. (Hérítier, 2002, p. 57)

Hérítier discorre que a montagem argumentativa clássica é fundamentada na relação onde somente o desejo masculino é considerado, podendo satisfazer-se em todos os corpos à disposição. Paralelamente, a apetência sexual das mulheres esposas é reprimida, enquanto os homens exploram as possibilidades de prazer com outras mulheres, embora sem o intuito de reciprocidade. “[E]sta montagem é bem uma construção ideológica e não a tradução de uma realidade psicofisiológica, sendo, sem dúvida, a mais profunda, a mais forte e com mais pesadas consequências de todas” (Hérítier, 2002, p. 213).

As extensões marcadas por Bataille que irá descrever como “procedimento inicial no mais das vezes” referem-se à construção de ordem

sociocultural, aspectos pontuados ao longo das primeiras secções deste capítulo. Neste aspecto, é importante lembrar que a nossa história, a filosofia e a arte foram feitas essencialmente por homens, o que nos explicita senão um intuito deliberado de subjugação do feminino, ao menos uma imensa alienação.

Afirmar as mulheres enquanto provocadoras do desejo masculino significa entender o desejo concernente ao erotismo como uma pulsão unilateral dos homens em direção às mulheres, negando o erotismo experienciado igualmente pelas mulheres, sustentado pelo mesmo desejo de violação. Concordo com a tese batailliana de que foi pelo erotismo que o humano fincou os limites da sua distinção para com os animais. Negar o desejo subjacente é negar o próprio erotismo e, por conseguinte, negar a própria natureza humana. Descrever o “papel” da mulher no jogo erótico como a parte que apenas provoca o desejo é retirá-la do movimento erótico efetivamente ativo. Logo, seria situá-la numa margem obliterante da humanidade.

Nesta direção, efetivam-se dois movimentos no mesmo sentido, ambos centrados na atividade sexual dos corpos femininos. O primeiro é a usurpação do domínio sobre a sua própria fecundidade, em virtude da inveja masculina de não poder gerar os seus descendentes, uma vez que o nascimento depende da boa vontade feminina, conforme defende Hérítier. No mesmo sentido, espoliou-se a mulher do direito ao exercício pleno do erotismo, a partir de uma construção que condenou a dimensão erótica feminina, a condenação da Vênus natural, aprisionando a mulher à sua condição de procriadora. Podemos dizer assim: os homens, invejosos de não poderem criar os seus semelhantes, construíram um arcabouço filosófico para justificar o roubo simbólico do poder da fecundação, e colocaram as mulheres prisioneiras da função com fins reprodutivos.

Então, efetivou-se um duplo processo de obliteração. Sentindo-se ameaçados pela procriação e temerosos da experiência da morte por parte das mulheres, os homens usurparam-nas do domínio sobre as duas experiências extremas da vida humana que passam pela atividade sexual: a geração da vida e a experiência da pequena morte. A premissa implícita é a de que as mulheres

precisam permanentemente de serem controladas. Esta ideia atravessa a tese batailliana de que o excesso é a manifestação da nossa animalidade, que foi progressivamente condenada e equivocadamente associada à selvageria.

De facto, se a feminilidade é esta ambivalente fonte de fecundidade pacífica e de violência sexual estéril desenfreada, a ideia subjacente é que é a acção dominadora e reguladora dos homens que as mantém e as canaliza na primeira direcção [da pacificidade]. (Héritier, 2002, p. 61)

Assim, a violência é considerada uma contradição à feminilidade da mulher fecunda, visto como uma transgressão última da fronteira do sexo, uma expressão do seu carácter animal. A violência masculina é reconhecida sob o estatuto da manutenção da ordem, a violência legitima a masculinidade. Ao contrário, a violência feminina não é considerada legítima e é equiparada à bestialidade.

“O homem é «ferido, fragilizado na sua identidade masculina»”, proclama Héritier (2002, p. 62), citando Cécile Dauphin. A violência que os homens exercem sobre as mulheres emana desta problemática. Daí, o termo *guerra dos sexos*, citado por Bastos, e difundido livremente, não se fundamenta. A relação estabelecida é de dominação e violação das mulheres pelos homens, o que continua a ser regra mesmo em países considerados mais desenvolvidos.

A natureza dessa violência comumente tem carácter sexual e atinge objetivamente o corpo feminino nas partes que subjazem o incômodo masculino. O feminicídio, o estupro, a mutilação genital, as torturas sexuais durante as ditaduras e as guerras, todas estas violências nada têm de erótico, apesar de perpassar por um gozo sádico por parte dos violadores. O corpo feminino é, ao mesmo tempo, instrumento de satisfação dos prazeres masculinos e um bem a serviço da guerra e das alianças de paz, como alude Chico Buarque na narrativa de Geni e o Zepelim:

Num suspiro aliviado  
Ela se virou de lado  
E tentou até sorrir  
Mas logo raiou o dia



E a cidade em cantoria  
Não deixou ela dormir  
Joga pedra na Geni  
Joga bosta na Geni  
Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá pra qualquer um  
Maldita Geni  
(Buarque, 1978)

A apropriação dos corpos das mulheres reside na licenciosidade da pulsão sexual masculina a qualquer custo e foi instituída por dois processos: a troca dos corpos das mulheres entre os homens, estabelecendo relações duradouras de sociabilidade; e a disponibilidade imposta à mulher para satisfazer a pulsão sexual masculina, como explica Héritier:

Qualquer corpo de mulher que não é apropriado, guardado e defendido por um proprietário cujo direito é baseado na filiação e na aliança e cuja utilização sexual que faz dela ou faz fazer é orientada para a procriação, pertence potencialmente a qualquer homem cuja pulsão sexual está por satisfazer. (Héritier, 2002, p. 201)

As muitas perspectivas de violência que atingem ostensivamente as mulheres na atualidade evidenciam a misoginia e não resultam da parcial emancipação das mulheres. Sobretudo, não têm uma dimensão erótica. Ao contrário, têm raízes profundas e aspectos que se associam ao sistema de representação hegemônico, ao qual me ative nas primeiras secções deste capítulo.

Ao meu ver, a *primeira dimensão da violação* e mais profunda da qual todas decorrem tem natureza vingativa e é o reflexo da inveja masculina sobre

os atributos femininos. Tem, portanto, uma origem ontológica e parece ser o fundamento primeiro do ódio inconsciente às mulheres. A *segunda dimensão* é a apropriação das mulheres e reverbera o pensamento de que o corpo feminino é um bem, um objeto de troca e um patrimônio masculino, reverbera as primeiras relações de troca entre os agrupamentos familiares e relacionam-se com a proibição do incesto. A *terceira dimensão* emana dos pressupostos estabelecidos na Antiguidade Clássica de que as mulheres têm uma natureza descontrolada. Esta, portanto, é uma violência de caráter disciplinar, a fim de conter e domar o excesso feminino, que é em si a representação da animalidade. Uma *quarta dimensão da violência* tem aspectos punitivos, embora estritamente associados à terceira dimensão. A punição liga-se diretamente a um aspecto da religião cristã, de que pelo castigo se alcança o arrependimento do pecado, logo a rendição.

### **3.7. A FERIDA PRIMORDIAL**

O problema da violação das mulheres ganha nuances diversas a partir das construções histórico-culturais que nos constituíram. Porém, essa violação tem um fundamento primeiro: “as mulheres têm o privilégio incompreensível intelectualmente na aurora da humanidade e até o fim do século XVIII, não só de produzirem à sua semelhança, mas de produzirem o diferente delas: os filhos dos homens” (Héritier, 2002, p. 271). Esse segredo tornou sagrado o movimento de geração dos descendentes e transformou o corpo feminino no maior incômodo da masculinidade, a ferida primordial que determinou a relação entre os sexos desde os primórdios da humanidade e que persiste convertendo o sentimento de vulnerabilidade e inferioridade masculina em violência contra as mulheres.

Ao meu ver, a *inveja masculina* ganha também outros contornos à luz da tese batailliana, quando consideramos alguns aspectos da fisiologia genital feminina. Uma das maiores interdições estabelecidas pelos humanos recaiu sobre a atividade sexual, especialmente aquela de natureza erótica, pois a

fisiologia feminina apresenta-se como o grande tabu gerador do pavor masculino: esse corpo aterrador é portador do clítoris, um órgão cuja existência serve somente ao prazer feminino.

O orgasmo masculino, associado à ejaculação, colocou a condenação do prazer dos homens sobre um salvo-conduto: sem orgasmo, não há filhos. Em contrapartida, a dissociação entre o prazer feminino e a procriação fez recair sobre elas a condenação do mais pesado interdito sexual, visto que, se a mulher não precisa ter orgasmos para gerar um filho, o prazer feminino pode ser interdito radicalmente. Ao mesmo tempo, o facto de a mulher possuir um órgão destinado exclusivamente ao prazer sexual também incidirá sobre o incômodo causado à masculinidade. Isso se faz ver, por exemplo, na mutilação genital feminina,<sup>16</sup> que não retira das mulheres mutiladas a capacidade de procriar, mas lhes subtrai o direito à experiência do prazer sexual.

Se hoje a ausência pontual da procriação já não coloca em risco imediato a sobrevivência da espécie, e se o contraceptivo permitiu às mulheres um maior controle sobre a reprodução, precisamos pensar a persistência da cultura fálica e misógina que resvala em todo o tipo de dominação e violência contra as mulheres. Precisamos ponderar a inveja do homem, como fez Caetano Veloso:

Não tenho inveja da maternidade

Nem da lactação

Não tenho inveja da adiposidade

Nem da menstruação

Só tenho inveja da longevidade

E dos orgasmos múltiplos

E dos orgasmos múltiplos

Eu sou homem

(Veloso, 2013)



---

<sup>16</sup> Boa parte das ações de mutilação de meninas são realizadas pelas mulheres da própria comunidade. Contudo, a manutenção dessa prática sustenta-se pelo desejo de enquadramento das meninas no padrão de feminilidade adequado às comunidades em que estão inseridas, por motivos culturais ou princípios religiosos. Os relatos de mulheres revelam a intenção de que as meninas não encontrem dificuldades de inserção social, conforme descreve Hérítier (2002, p. 120).

O fundamento da inveja está nas especificidades extraordinárias do corpo feminino e no desejo masculino de superá-los. Evidencia uma rivalidade instituída desde os primórdios e busca a construção de uma identidade masculina hegemônica, através da rasura daquela que o ameaça — a mulher — no anseio da aliança com o divino.

O domínio e a obliteração do outro emanam do desejo de preferência, na pretensa aliança com o divino, segundo Goux. Apesar de o autor tratar do desejo ariano de extermínio dos judeus, os seus escritos acerca da estrutura religiosa do nazismo servem-nos para pensar a relação do masculino *versus* o feminino, enquanto reflexo de uma disputa do *eu* contra o *outro* ameaçador, na busca por uma relação privilegiada com Deus.

No tocante à dominação masculina sobre o feminino, não abordei a disputa de um Deus determinado, mas apoiei-me em Goux para dizer que a dominação e a violência masculina também resultam de uma *inveja teológica*, cujo fim é a preferência na aliança com o sagrado.

O que Hérítier chamou de *inveja masculina* pode ser, então, denominado de *inveja masculina religiosa e delirante* perante as mulheres, a partir da contribuição de Goux. Este discorre sobre a estrutura religiosa que subjaz toda guerra. A ideia de uma guerra entre os sexos é defendida por Bastos. Contudo, como já assinalei, não tenho certeza de que possa chamar a questão entre o masculino e o feminino de guerra dos sexos. Os indícios e dados apontam para uma força milenar e exacerbada de um extremo para o outro. Além disso, as recentes lutas pelos direitos das mulheres e os movimentos feministas não se atêm à inversão dos papéis de dominação (femismo). Ao contrário, são lutas que buscam estabelecer a equidade entre os gêneros.

De toda forma, a dominação masculina sobre os corpos femininos tem um fundamento religioso, assim como todas as guerras, conforme defende Goux. A complexidade da questão consiste no facto de a angústia perante o feminino não poder ser extinta, porque este outro — o feminino — não pode ser rasurado no seu extremo. Este outro causador de angústia e medo é também o que fascina ao extremo, é o que coloca os homens — e a todos nós — no

limite do possível, é a nossa ferida primordial. Este outro, que são as mulheres, não pode ser apagado e não nos é estranho, é parte de todos nós. A parte esquecida, angustiante, do único tempo imemorial da experiência de indistinção é a parte-mãe que fomos e que subsiste dentro de todos nós. Mulheres e homens são pólos de mesmo um.

## CONCLUSÃO

Os primeiros interesses que fomentaram a realização deste trabalho voltavam-se para as mulheres em situação de prostituição, que seriam, para mim, o grupo mais vulnerável em relação à incidência da violência masculina. Afastei-me desse recorte com um importante passo de desestigmatizar a violência contra mulheres como um problema localizado. Foi através de uma entrevista em que uma mulher, aos quarenta e seis anos de idade e na prática da prostituição desde os quinze, me disse nunca ter sofrido violência física — a nível extremo — de “clientes”, mas já havia sofrido de um namorado. E arrematou a questão dizendo: “porque você sabe, não é? A maior vulnerabilidade é o amor!”.

Iniciei estes escritos referindo-me ao amor, mas a um amor que ainda não vivemos senão no plano das particularidades restritas. Gostaria de dissertar sobre o amor que se sente amplamente, do amor pelas mulheres, do amor dos homens pelas mulheres, do amor das mulheres por elas mesmas, do amor sobre o que se diz feminilidade e que não se fecha em um estigma de comportamento, de um amor amplo, em que coubessem todas as mulheres com as suas singularidades.

Como podemos abordar o amor se nos omitirmos diante dos dados estatísticos que indicam que um terço da população de mulheres já sofreu algum tipo de violência física ou sexual? Como falar em amor, se também os dados indicam que a maioria dos casos de violência contra as mulheres acontece em casa e é provocada por companheiros, pais, irmãos<sup>17</sup>?

A violência contra as mulheres é um problema grave e proporcional à complexidade de tratar tais questões. Ao final de pouco mais de oito dezenas de páginas, só mesmo alguns poucos aspectos puderam ser tratados. Gostaria de poder desenvolver melhores entendimentos que perpassassem pelas experiências de prazer das mulheres e a autoapropriação dos seus corpos. Gostaria de discutir a questão da maternidade e da paternidade em tempos em que os papéis sociais no âmbito do trabalho estão diluídos e as mulheres

---

<sup>17</sup> Dados de pesquisa disponíveis no site da ONU: <https://news.un.org/pt/news/topic/women>.

comumente acumulam tarefas domésticas, cuidado dos filhos e do sustento do lar. Gostaria de entender como a inveja da fecundidade feminina se converteu na recusa à paternidade. Gostaria também, de mergulhar ainda mais profundamente no entendimento desta ferida primordial.

Nestas páginas, que têm caráter de considerações finais, cabem apenas algumas vírgulas, pontos e vírgulas de um porvir que permanece latente enquanto desejo de continuidade do olhar sobre o feminino. Desta construção já materializada, cujo ponto inicial são os escritos reflexivos acerca da construção da peça *Ecos do corpo divino diabólico*, gostaria que ficasse explícito o meu gesto de escuta como um convite para evocar as mulheres à presença, com as suas vozes, porque o silêncio impingido às mulheres é ainda uma grande arma de controle. A mudez é o que se espera de uma mulher, para que não incomode as estruturas e não mexa nas feridas. Quero mexer nas feridas! É preciso mexer nas feridas! É preciso tratá-las e tratar delas! E a arte é aqui a forma de fazê-lo.

Se almejamos um dia viver o estatuto de igualdade — e almejamos! —, é preciso abandonar os nossos papéis nessa hierarquia em que cada sexo subtrai algum tipo de vantagem. As mulheres precisam renunciar o seu lugar de eleitas, porque o lugar da musa é também o lugar do esbulho. Somente recusando esses papéis, podemos adquirir um estatuto de dignidade em que os nossos corpos não sejam mais uma mercadoria a serviço do prazer, da barganha e do desejo masculinos de imortalidade. Os homens precisam renunciar esse papel de caçadores, portadores do poder e da virilidade e responsáveis por todo o engendramento social. Precisam recusar o papel de violadores, olhar as suas fragilidades e acolher os medos que os apavoram.

Podemos construir um caminho onde o feminino e o masculino possam reencontrar-se num cruzamento cuja igualdade seja a primazia substantiva. Decerto, não creio na suspensão total de uma tensão que nos é imanente à convivência, mas penso que essa tensão não precisa ser aniquiladora. O equilíbrio é uma balança que subjaz um movimento permanente, mas ela pode ser acolhedora das singularidades. Assim, o fluxo e o refluxo poderão caber verdadeiramente no amor para com as mulheres, pelo que elas são. Para isso,

precisamos desconstruir os padrões impostos aos homens e às mulheres, seja concernente à feminilidade e à masculinidade, seja ao amor.

Um monge descabelado me disse no caminho: “Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruínas é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as tapers abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para salvar a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas; como um lírio pode nascer de um monturo”. E o monge se calou descabelado. (Barros, 2016, p. 367)

Assim, como o monge, gostaria de construir uma ruína, para salvar a palavra “amor” e para salvar todas nós, mulheres, do que nos oprime e viola, para salvar o que pode haver de mais bonito em nossa humanidade. Gostaria de construir uma ruína onde coubessem corpos eróticos, fazendo uma verdadeira revolução. E ela seria sagrada, uma revolução erótica e sagrada. Talvez assim pudéssemos re-nascer — todos — aos poucos, ao abrigo de uma escola de igualdade, de alegria, de vidas, encontrando-se num movimento de equilíbrio entre o que nos excede, o que nos contém e o que nos faz incrivelmente distintos.

## REFERÊNCIAS

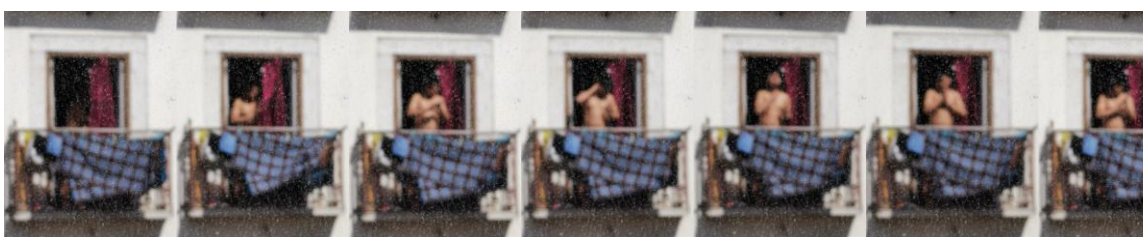
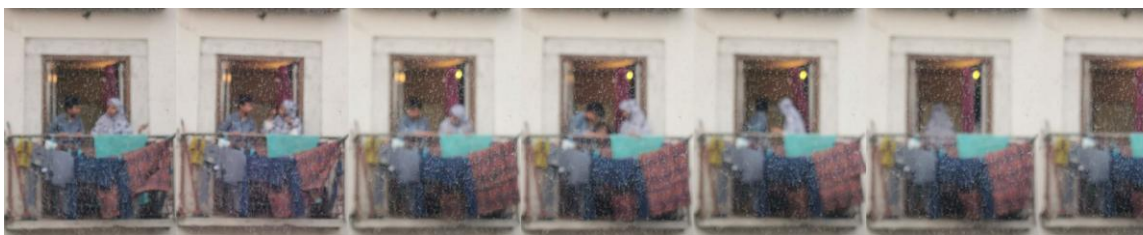
- Abrunhosa, P. & Os Bandemónio. (2007). *Luz* [CD, faixa 4]. Portugal: Universal Music Portugal, S.A.
- Amaral, M. T. d'. (2015). *Os assassinos do sol: uma história dos paradigmas filosóficos* (Vol. 2, Os gregos: séculos VI a.C. a I d.C.). Rio de Janeiro, Brasil: Editora UERJ.
- Amaral, M. T. d'. (2019). O cosmos, a natureza, o mundo: segundo os sistemas, segundo a vida. *Cosmos & Contexto: Revista Eletrônica de Cosmologia e Cultura*. Recuperado de <https://cosmosecontexto.org.br/o-cosmos-a-natureza-o-mundo-segundo-os-sistemas-segundo-a-vida/>.
- Azevedo F. (Org.). (1939). *Dicionário de Etnologia e Sociologia*. São Paulo, Brasil: Companhia Editora Nacional. Recuperado de [http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Abaldus-willems-1939-dicionario/Baldus%26Willems\\_1939\\_DicEtnologiaESociol.pdf](http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Abaldus-willems-1939-dicionario/Baldus%26Willems_1939_DicEtnologiaESociol.pdf).
- Balzac, H. de. (1932/2012). *A obra-prima ignorada, seguido de um episódio depois do terror* (D. de Bruchard, & R. Janowitz, Trad.). Porto Alegre, Brasil: L&PM POCKET.
- Barros, M. de. (2016). *Poesia completa*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Barthes, R., & Havas, R. (1976). *Da escuta*. Recuperado de <https://terrear.blogspot.com/2013/08/da-escuta.html>.
- Bastos, J. G. P. (2019). O inconsciente do dinheiro, símbolo do poder fálico. *Revista Electra*, 6, 81-94.
- Bataille, G. (1933/1993). La estructura psicológica del fascismo. In G. Bataille, *El Estado y el problema del fascismo* (pp. 9-43). Valencia, ES: PRE-TEXTOS.
- Bataille, G. (1955/2015). *O nascimento da arte* (Fernandes, A., Trad.) Lisboa: Sistema Solar.
- Bataille, G. (1957/2017). *O erotismo* (Scheibe, F., Trad.). Belo Horizonte, Brasil: Autêntica.
- Bataille, G. (1961/2015). *As lágrimas de Eros* (Fernandes, A., Trad.). Lisboa: Sistema Solar.

- Berger, J. (2018). *Modos de ver* (Rosa, J. L., Trad.). Lisboa: Antígona.
- Buarque, C. (1976). *Meus caros amigos* [LP, faixa 1]. Brasil: Philips Universal Music.
- Buarque, C. (1976). *Meus caros amigos* [LP, faixa 2]. Brasil: Philips Universal Music.
- Buarque, C. (1978). *Ópera dos malandros* [LP, disco 2, faixa 5]. Brasil: CBD Phonogram, PolyGram Discos, Philips Discos.
- Buarque, C. (2005). *Chico Buarque: Mulheres de Atenas* [DVD *A Flor da Pele*, Entrevista] Recuperado de [https://youtu.be/WVbAs\\_uU1bA](https://youtu.be/WVbAs_uU1bA).
- Cunha, L. (1992). *Subversão I* [Fotografia]. Recuperado de <http://www.luisacunha.com/subversão-i.html>.
- Hesíodo. (1995). *Teogonia: a origem dos deuses* (3.<sup>a</sup> ed., estudo e tradução de J. Torrano) São Paulo, Brasil: Editora Iluminuras. Recuperado de <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/hesiodo-teogonia-a-origem-dos-deuses.pdf>.
- Goux, J-J. (1973). Freud et la structure religieuse du nazisme. In J-J. Goux, *Les Iconoclastes* (pp. 53-66). Paris, França: Éditions du Seuil.
- Héritier, F. (1996). *Masculino, Feminino: o pensamento da diferença* (vol. I). Lisboa: Instituto Piaget.
- Héritier, F. (2002). *Masculino, Feminino: dissolver a hierarquia* (vol. II). Lisboa: Instituto Piaget.
- Leminski, P. (2017). *A hora da lâmina: últimos textos-ninja de Paulo Leminski* (Melhado, F., Ed.; Ruas, J., Ilust.). Londrina, Brasil: Grafatório. Recuperado de [http://grafatorio.com/site/wp-content/uploads/2020/06/A-Hora-da-Lamina\\_Paulo-Leminski.pdf](http://grafatorio.com/site/wp-content/uploads/2020/06/A-Hora-da-Lamina_Paulo-Leminski.pdf).
- Lispector, C. (1964). *A Paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Edição do Autor.
- Lispector, C. (1969/1999). *Uma Aprendizagem Ou O Livro dos Prazeres*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Lispector, C. (1971/2016). Perdoando Deus. in C. Lispector, *Todos os contos*. Rio de Janeiro, Brasil: Rocco.

- Maia, P. (2020). *Pensar a identidade brasileira e a heterogeneidade*. Recuperado de <https://el-escolalivre.blogspot.com/search/label/publica%C3%A7%C3%A3o>.
- Maia, T. (2009). O filho imortal (o segredo do artista, 3). In C. Tavares, F. Dias, & J. Quaresma (Org.), *Arte & Eros* (pp. 60-83). Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- Maia, T. (2019). A arte de tirar. In F. de Holanda (Org.), *Do tirar pelo natural* (pp. início-final). Lisboa: Documenta.
- Motta, P. (2001). *Forty Part Motet, de Janet Cardiff* [Fotografia]. Recuperado de <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/janet-cardiff-2/>.
- Nead, L. (1998). *El desnudo femenino: arte, obscenidad y sexualidad* (Marín, C. G., Trad.). Madrid, España: Tecnos.
- Organização das Nações Unidas/Mulheres (ONU Mulheres). (2018, 20 nov.). *ONU promove ato pelo Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, na sede da organização, em Nova Iorque*. Recuperado de [www.onumulheres.org.br](http://www.onumulheres.org.br).
- Panofsky, E. (1939/1986). *Estudos de Iconologia: temas humanísticos na Arte do Renascimento* (Souza, O. B. de, Trad.). Lisboa: Editorial Estampa.
- Santos, S. F. P. de. (2016). A Mulher na Magna Grécia: um “objeto” de valor. *Revista Clássica*, 29(1), 29-48.
- Veloso, C. (2006). *Cê* [LP, faixa 9]. Brasil: Universal Music.

## ANEXOS

**ANEXO A. Mostra da série *Comunidade***



#1; #11; #13.1; #29  
Série Comunidade, 2020  
Impressão mineral sobre papel algodão  
10 x 52,5cm

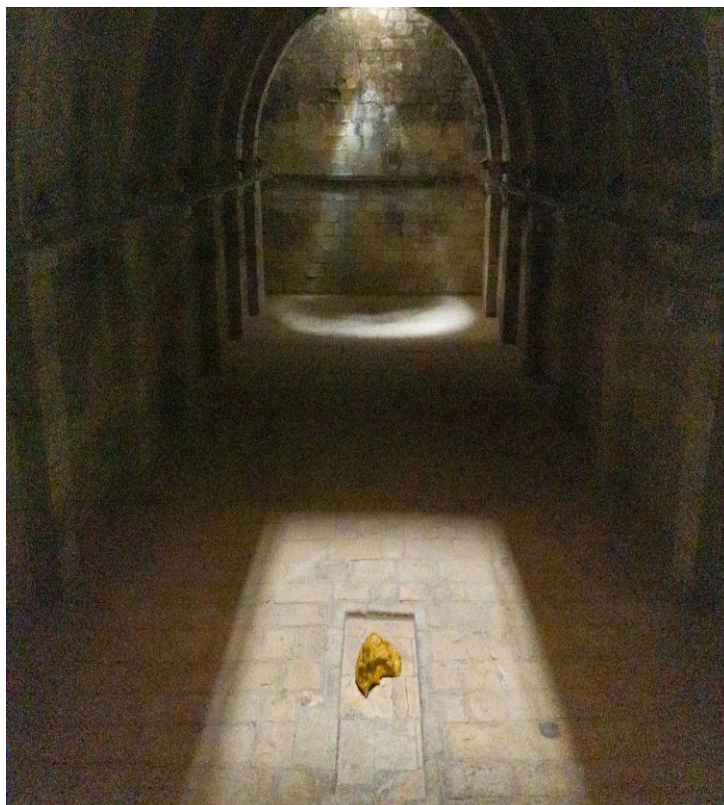
**ANEXO B. Acesso ao vídeo *Pagar para respirar***



**ANEXO C. Encarte com transcrições dos testemunhos**

**O CORPO INTERDITO**

POTIRA MAIA



**10 a 15 de fevereiro  
das 14h às 17h**

**Cisterna-útero / Cisterna-túmulo  
Faculdade de Belas-Artes  
Universidade de Lisboa**

Quando eu tinha dois anos, nasceu o meu irmão. E foi nessa idade que me explicaram que os meninos têm um pênis e que as meninas têm [uma] vagina. Foi algo que aconteceu naturalmente, enquanto a minha mãe mudava a fralda ao bebê.

\*\*\*

A mulher, desde criancinha que ela já cresce naqueles domínios dos pais, principalmente dos pais daquelas épocas atrasadas. A gente não tinha direito de brincar com meninos, a gente não tinha direito de cortar cabelo, não tinha direito de vestir roupa curta, a gente não tinha direito de usar maquiagem, essas coisas... e... e sempre debaixo das ordens. Não tinha direito de passear, não tinha direito de sair com ninguém, só com a mãe. Era uma vida escravizada.

Após [os meus] 18 anos, eu dei um basta em tudo [e] em todos e disse: “Eu vou viver minha vida agora de cantoria”. A gente dizia que era profissão de vagabundo, de preguiçoso. E eu queria me deprevar pelo mundo, com a viola.

\*\*\*

Quando eu era pequenina, não pensava muito sobre isso, mas eu lembro-me de brincar com os meus amigos na escola e nós brincávamos as famílias, com os pais, os filhos... E era muito engraçado, porque nós não tínhamos esse preconceito de... o que é que é o papel da mulher e do homem.

Por exemplo, eu tinha um amigo que, normalmente, fazia [o] papel de mãe. E nós facilmente trocávamos, e as raparigas faziam de pai, os meninos faziam de mãe. E era muito interessante, principalmente no contacto com os meus colegas. Eu lembro-me desde muito cedo de não ter tido esse preconceito de gênero, [o] que foi muito bom.

Na adolescência, sim, talvez mais, porque aí eu comecei a ter alguns problemas com o meu corpo, a não me sentir muito bem e a ver essa questão de que para ser uma mulher tinha que se apresentar de certa

forma, e eu, por não corresponder a esse formato... Em casa também, quando comecei a namorar, era sempre mais rígida a hora que eu tinha que chegar a casa.

\*\*\*

Muitos contos de fada e... Muitos contos e fábulas me levaram, com certeza, a ir construindo essa noção de feminino... da princesa, do príncipe... e que muito dificilmente é desconstruído, mesmo quando a gente, quando eu já adulta. Eh, são diversos processos e vivências para aos poucos ir percebendo essa construção da princesa que vai ser salva pelo príncipe...

\*\*\*

Eu acho que não posso dizer bem o que foi ensinado a mim sobre ser mulher. Acho que posso dizer o que foi ensinado a mim sobre ser mãe.

As mulheres que são mães é este tipo de que não se deitam, não

Porque é do alto que vem. E eu falo como gente do alto. Falo com voz de quem vem do alto.

descansam até os filhos terem tudo feito, até estar tudo preparado para poderem se deitar mais cedo. É um bocadinho este trabalho, este papel de mãe, acima de ser mulher. No caso, as mulheres que são mães... um bocadinho que vive para a família, sim? Vejo muito à minha volta exemplo de mulheres a partirem esse molde, é... digamos mais antiquado do que significa ser mulher.

\*\*\*

A minha mãe sempre me ensinou que eu podia ser o que eu quisesse, que eu não precisava seguir padrões. Mas, depois de uma certa idade, que a gente tem vida social e... e vai para [a] vida, né? Eu acabei por perceber que não era bem assim. Eu não podia ser quem eu realmente queria. Até podia, né?! Mas os obstáculos são imensos.

\*\*\*

Sentia vontade de ter relações sexuais, ter relações sexuais, isso tudo, mas não posso dizer que fosse um motivo para eu fazer coisa, nunca fazia coisa só porque tinha vontade de fazer relações sexuais ou ter algum tipo de prazer. Mas posso dizer que essa questão do prazer não era uma questão importante, tanto que até o toque do próprio corpo é uma questão para a qual, eu tenho 26 anos, eu estou desperta há relativamente bem pouco tempo, um, dois anos, digamos assim, apesar de já ter iniciado a minha vida sexual há coisa de sete anos.

É como ir lá para fora abrir a janela, ver um dia de sol, e olho para o dia e não me apetece ir passear. Não me apetece ir dar um passeio, por exemplo. É a mesma coisa. Não me suscitava grande interesse essa atividade de prazer com o corpo, com o próprio corpo. É... Simplesmente estava bem como estava, não sentia falta dessa parte, vamos dizer assim. Agora também não sinto falta do prazer, é uma coisa que posso passar muito tempo sem ter isso, ou não, depende, depende da situação. Mas acho que a minha relação com o prazer continua a ser a mesma: se tiver, tenho [e], se não tiver, não tenho. Mas, agora, se eu quiser ter, sei que posso ter e sei como o posso ter.

\*\*\*

Olha aqui.  
Olha o meu  
circunciso.  
Vê, vê, vê aqui.  
Sou circuncidada.  
Filho da puta,  
eu sou mulher.

Nossa! Como assim? Você não se masturba?  
Como assim? Você não tem uns brinquedos em casa, tipo uns brinquedos sexuais em casa?  
Como assim? Você é... sei lá... Eu ali, lidando com o meu corpo, e como é que eu não tinha essa prática? Ou mesmo essas fantasias e tal?

\*\*\*

Você transa tanto, todo dia está com um homem transando, tem um homem diferente pra transar, mulher, você não tem um cigarro pra fumar, você não tem nada, por que não cobrar? E aí eu disse assim: “É, eu acho que essa vai ser uma boa ideia”. E, no primeiro dia, eu ganhei

tanto dinheiro! Eu tinha 15 anos. Aí, pronto, aí eu comecei a cobrar. Para transar agora tem que cobrar, né?

Às vezes, a gente se sente assim carente. Por mais que tenha vários homens para transar, é um sexo sem prazer, é só uma prestação de serviço.

A gente está preparada só para dar prazer e a gente acaba esquecendo que a gente também precisa, né?! Um dia, a gente também quer ter esse prazer. E falar de fantasia é bem complicado, porque isso ainda é um tabu para nós... nós, mulheres principalmente. Eu acho que o homem tem mais facilidade de propor essa fantasia para que a mulher realize do que a mulher propor para o homem uma fantasia. Talvez eu tenha fantasia, eu não sei, eu nunca conversei isso com ninguém: o que seria, o que eu queria.

A gente faz sexo todo dia praticamente, já viveu várias, já presenciou, já fez várias fantasias para os clientes, já viveu várias loucuras. A gente faz muita coisa e acha que já faz tudo. E ainda é difícil falar de sexo, sabia? Assim, mesmo com um parceiro, com um namorado, ainda é difícil falar de certas questões de sexo, de como você quer... Enfim, ainda é difícil. A questão da sexualidade ainda é complicada [para] conversar.

\*\*\*

Eu vejo a minha mãe como uma pessoa muito pura e romântica. E ela confia muito nas pessoas, e essa confiança, alegria e liberdade levaram com que eu sofresse alguns abusos. Abusos de diversas formas. A minha mãe cresceu de um jeito [e] passou um pouco disso para a gente também, de sempre tentar agradar o mundo à nossa volta, para a gente ter aceitação, né? Eu não a julgo.

Ela, com 26 anos, tinha quatro filhos, com mais ou menos 28 se divorciou. Naquela época, era mulher desquitada. Mulher desquitada é sinônimo de puta, piranha, prostituta, vagabunda, tudo o que a sociedade gosta de meter na nossa conta, né, de mulher?! E, então,

essa coisa de sempre querer agradar a todo mundo para ser aceita, sempre com um sorriso, sempre dizendo “sim, sim, sim” para todo mundo, mesmo quando me desagrada.

E fui crescendo com esses abusos que também vivi no relacionamento com o pai de meu filho. Também sofri vários abusos sexuais, eh... de amigos muito próximos da minha família, de primo, de pessoas do nosso meio. E eu sinto um nojo! Mas eu tenho que conviver, né? E sorrindo ainda.

Alguém tem esse direito?  
Alguém tem?  
E porque não responde, caralho?  
Tem o direito?

Ganham alguma coisa com a minha morte?  
Quanto é que vai lhes custar, caralho?

Vocês são soberanos?  
São onnipotentes, onnipresentes?  
São réus de justiça?  
São alpha ou ômega?  
Alguém de vocês é como eu?

E eu acho que os abusos sexuais eu tentei apagar da minha cabeça. Eu tento de alguma forma não sofrer. Recentemente descobri que um deles morreu e até me deu um pouco de pena, não sei por quê.

E penso: o que a gente pode fazer por nós?  
Alguém vai fazer algo por nós?

\*\*\*

Quando vai para o quarto, quando vou para a pousada com um cliente, já digo a eles o que eu faço e o que eu não faço. É o seguinte: eu não faço sexo anal e não transo sem camisinha. São duas coisas que eu não faço. Isso já é conversado e já negociado para não haver problema, né?! Porque muitas vezes o cliente pergunta “É quanto?”, é tanto. E aí, quando a gente vai para o quarto, ele quer isso e quer aquilo. Não, eu não faço. “Ah, mas eu tô pagando”. “Pô, você tá pagando, mas eu não sou obrigada a fazer, tá entendendo?” Eu

não faço com cliente. Eu faço tudo isso com namorado. Por amor, faço de graça, mas, por dinheiro, não faço. Acho que a maior vulnerabilidade é o amor, você se apaixonou, aí você acaba cedendo.

Eu não perdoo  
a vossa imagem e  
grandeza. Só me  
fazem caminhar.  
Eu não perdoo.  
Juro por tudo que é  
mais sagrado.

Vocês não vão  
passar.  
Eu tô cansada... da  
filha da puta que  
vocês estão a fazer.

Eu conheço toda  
verdade, toda a  
verdade e todo o  
vosso caminho.

Deixa estar, que  
elas vão morrer em  
definitivo.  
Que nunca mais  
vão existir.  
nunca mais!  
Por tudo que é  
mais sagrado,  
eu...  
sangue... sangue...

\*\*\*

Quando eu viajei pela primeira vez sozinha, em Portugal e Espanha, eu sofri machismo do início ao fim da viagem. Foi uma situação do típico machismo que eu ainda não tinha vivido dessa maneira, de um filho e um pai estarem... Não era nem me paquerando. Enfim, me... quase, digamos, passando dos limites mesmo, né? Pequenas violências de tentar ficar comigo ou pôr a mão no meu corpo, sem eu permitir ou sem perguntar.

E depois, quando decidi finalmente ir embora, porque eu já não podia mais ficar lá, naquela situação, de um pai e um filho sendo... eh... violentos de alguma maneira, né? Passando dos limites, me assediando, me assediando. E, enfim, aí, quando eu fui embora, eu ainda fui educada, porque a gente acha que tem que ser educada, e eu fui dar tchau e eles ainda me falaram: "Como é que você, brasileira, não vai ficar aqui? Você podia ficar aqui tomando vinho com meu filho, você podia ficar aqui".

Depois que eu me percebi que eles, na verdade, estavam me chamando de... me tratando como uma prostituta mesmo, né?!, mulher brasileira. Isso foi em 2010.

\*\*\*

Já sofri muitas situações de violência. No meu caso, sempre mais do lado emocional, mas eu não sei até que ponto elas são violências de gênero. Eu acho que esse tipo de violência emocional é transversal e foi praticado tanto por homens quanto por mulheres. E é uma violência

na qual eu não sou respeitada, eu não sou reconhecida enquanto pessoa, enquanto uma pessoa com pensamento, ou com desejo, ou com vontade, e eu tenho que, no fundo, me subjugar à vontade, à vontade ou... ah... no fundo, a questões de ego ou questões de carências pessoais de outras pessoas, coisas que ficaram por resolver nelas. E, depois, eu teria que as compensar, cedendo sempre algo, algo de mim.

\*\*\*

Em todo lugar que eu ia, tinha um homem que perguntava se eu estava viajando sozinha e porque que eu estava viajando sozinha, como se isso fosse uma grande questão, né? E ainda é assim hoje. Convenhamos que eu ando por Portugal. Perguntam sempre se eu sou casada, se eu estou

na aldeia e estou morando com meu marido, né?

A vossa língua  
amaldiçoa.  
Eu sou pura.  
O meu corpo é  
puro.  
Eu lavo as  
impurezas todas.  
Vossa maldade me  
magoa, me dói.

E eu peguei um trem, e um homem do meu lado era um passageiro, que comprou a passagem dele ao meu lado, e em menos de segundos, ele conseguiu... eu nem sei... pôr a mão dele debaixo da minha blusa, no meu peito. E eu assim... Fiquei completamente chocada e sem reação.

E falei, e na época eu só falei: “Olha, tira, sai, né? Sai!” E eu virei e parei de conversar com ele. E foi o que eu fiz e pensei: se ele passar mais uma vez dos limites, aí eu vou ver o que fazer. E não fiz nada! Não fiz nada! É louco, não fiz nada!

\*\*\*

Há muitos anos atrás, estive uma noite a dançar com a minha prima e os amigos.

E um dos rapazes com quem eu conversava amigavelmente, sem interesse algum, encostou-me à parede de uma forma inesperada e começou a apalpar-me e a beijar-me.

E...? Não me machucou, nem eu o considerei violento, mas o que ele me disse, quando o afastei e pedi que não o fizesse, foi algo como “andaste a provocar-me à noite toda”.

Eu não tinha a intenção de o provocar. Eu adoro dançar e apago o que se passa à minha volta, enquanto danço. Não estou a seduzir nem com esquemas. Nada disso! Estou simplesmente a dançar e divertir-me. E, para esse rapaz, pelos vistos, a minha forma de dançar ou os meus movimentos seriam algum ritual de sedução.

\*\*\*

Com marido eu sofri um bocado. Muitas vezes era... ele me jurava que ia atirar em mim, botava revólver na minha boca, botava revólver no meu ouvido, mandava falar. Não queria que eu vestisse calça comprida, não queria que eu cortasse cabelo, não queria que eu fosse em casa de vizinho.

E sempre debaixo da violência. Mas, graças a Deus, eu enfrentei tudo até quando pude. Quando não pude mais, eu fugi. Peguei minhas filhas, minhas três filhinhas, e fugi.

“Se você começar a cantar, eu vou lhe matar debaixo da cama da sua mãe”. “Então, você mata agora. Você mata hoje, porque eu vou começar a cantar sábado”. “Pois se prepare, que eu vou matá-la numa sala de cantoria”. “Faça as suas vontades.

Aí, mudei o nome, passei um bocado de tempo cantando com o nome trocado, *Sabiá do norte*. Quando eu comecei a cantar, não foi fácil, todo mundo virou a cara para mim, porque achava que eu estava perdida, porque isso não era espaço para mulher. Que uma moça de família que pegava a viola e saía pelo mundo, cantando com homem, é porque já estava desgraçada e era aquela coisa todinha.

“Pois vocês vão ver se eu estou desgraçada ou se vou me desgraçar ou o que é que Deus vai fazer comigo!”

Deus pai, Deus filho, Deus espírito santo, não perdoe ninguém.  
Juro, por tudo que é mais sagrado, que eu não perdoe ninguém.  
Com Deus não se brinca, caralho!  
Com tudo que vocês quiserem, com Deus não, com Deus não!!!!

A exposição *O corpo interdito* decorre no âmbito da defesa da dissertação *O corpo divino diabólico*, de Potira Pereira Gusmão Maia, como requisito para a conclusão do Mestrado em Pintura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, sob a orientação do Professor Doutor Tomás Santos Maia.

Crédito da fotografia de capa: Victor Gonçalves.

Para contactar Potira Maia:  
[www.instagram.com/maiapotira/](https://www.instagram.com/maiapotira/)